



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**BACHAREL E LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**O Jesus póstumo:**  
**uma perspectiva comparativa da Ressurreição**

**Isabela Almeida Araujo de Sousa**

Brasília - DF

2016

Isabela Almeida Araujo de Sousa

**O Jesus póstumo:  
uma perspectiva comparativa da Ressurreição**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade de  
Brasília como requisito optativo para a conclusão do Curso de História.**

**Orientador (a): Vicente Dobroruka**

Brasília - DF

2016

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

SOUSA, Isabela A. A. de. **O Jesus póstumo: uma perspectiva comparativa da Ressurreição.**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel e Licenciatura em História.

Após sessão pública de defesa desta monografia de conclusão de curso, a candidata foi avaliada na menção: \_\_\_\_\_, em: 16 de Dezembro de 2016, pela Banca examinadora:

---

Prof.Dr. Vicente Dobroruka  
Universidade de Brasília  
Orientador

---

Prof. Isaías Lobão  
Instituto Federal do Tocantins  
Examinador

---

Prof. Raul Peixoto  
Instituto Federal do Goiás  
Examinador

---

Prof. Dr. Celso Fonseca  
Universidade de Brasília  
Suplente

Brasília- DF  
2016

**Dedicado**

**a Cristo, meu Senhor e inspiração, e à minha família e amigos, amados irmãos na fé.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, motivo e condutor de tudo, por me suprir com força, fé e graça neste trabalho e toda a caminhada. Agradeço ao meu orientador Vicente Dobroruka, pela atenciosa mentoria, suporte e paciência, sem a qual não teria chegado a este resultado. Agradeço à minha mãe Silvana pela compreensão e apoio, e também ao restante da minha família e amigos, pelos incentivos, paciência e companheirismo em cada momento de desafios. Também agradeço a todos os pastores que me aconselharam, apoiaram e se preocuparam com todo o desenvolvimento desta monografia.

“Afirmamos, clamamos diante de todos os homens, e dilacerados, sangrando debaixo de vossas torturas, gritamos: ‘Nós adoramos Deus por Cristo’.”

[Tertuliano - *Apologeticum*, capítulo XXI]

## RESUMO

Este trabalho analisa comparativamente o relato da Ressurreição de Cristo com os relatos de pessoas que voltaram à vida da Paradoxografia de Phlegon de Tralles (séc.I d.C.), e também analisa e compara as referências à Ressurreição nas obras dos escritores cristãos dos primeiros séculos. Objetiva assim, compreender como os cristãos puderam crer nesse relato, e qual a importância dessa crença para a fé cristã na Igreja Primitiva.

**Palavras-chave:** Ressurreição de Cristo; Paradoxografia; Phlegon de Tralles; Igreja Primitiva.

## ABSTRACT

This paper makes a comparative analyzes of the resurrection of Christ's narrative and the narratives from people that came back to life of the Phlegon of Tralles paradoxography (I A. D.), and also analyze and compare the references to the resurrection in the works of the Christians writers of the firsts centuries. Therefore, the objective to comprehend how the Christians could believe in this narrative, and what is the importance of this belief to the Christian faith in the Primitive Church.

**Key words:** Christ's Resurrection; Paradoxography; Phlegon of Tralles; Primitive Church.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1: “Como crerão se não ouvirem?!”</b> .....	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 2: Particularizando o fantástico comum</b> .....	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO 3: Repercussão interna</b> .....	<b>29</b>
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

Os relatos do Novo Testamento, especialmente nos evangelhos e em Atos, são muito claros na afirmativa de que Jesus ressuscitara:

*No findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. E eis que houve um grande terremoto; porque um anjo do Senhor desceu do céu, chegou-se, removeu a pedra e assentou-se sobre ela. [...] Mas o anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: Não temais; porque sei que buscais Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Vinde ver onde ele jazia. [...] E eis que Jesus veio ao encontro delas e disse: Salve! E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés e o adoraram. (Mt 28:1-2;5-6;9<sup>1</sup>)*

*Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem embalsamá-lo. [...] E, olhando, viram que a pedra já estava removida; pois era muito grande. Entrando no túmulo, viram um jovem assentado ao lado direito, vestido de branco, e ficaram surpreendidas e atemorizadas. Ele, porém, lhes disse: Não vos atemorizeis; buscais a Jesus, o Nazareno, que foi crucificado; ele ressuscitou, não está mais aqui; vede o lugar onde o tinham posto. (Mc 16:1;4-6)*

*Mas, no primeiro dia da semana, alta madrugada, foram elas ao túmulo, levando os aromas que haviam preparado. [...] Falavam ainda estas coisas quando Jesus apareceu no meio deles e lhes disse: Paz seja convosco! [...] Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho. Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. E, por não acreditarem eles ainda, por causa da alegria, e estando admirados, Jesus lhes disse: Tendes aqui alguma coisa que comer? Então, lhe apresentaram um pedaço de peixe Assado. (Lc 24:1;5-6;36;39-42)*

*No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu que a pedra estava revolvida. [...] Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco! E, dizendo isto, lhes mostrou as mãos e o lado. Alegraram-se, portanto, os discípulos ao verem o Senhor. (Jo 20:1;19-20)*

*Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar até ao dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas. A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus. (At 1:1-3)*

Abstendo-me de entrar nas discussões em torno das fontes, ao se tratar do Jesus “póstumo”, uma questão que logo chama a atenção de qualquer historiador é o indiscutível

---

<sup>1</sup> Todas as referências bíblicas foram citadas da tradução em português João Ferreira de Almeida, edição Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

fato de que, a morte de Jesus, não dissolveu aquela jovem “seita judaica” que começara a surgir no Oriente. Pelo contrário, a história do Jesus “póstumo” evidencia o crescimento exponencial de um grupo de crentes, que em pouco tempo se veriam como igreja, sendo reconhecidos por terceiros pelo nome advindo do epíteto de seu Mestre, cristãos<sup>2</sup>. É interessante notar que na verdade, de acordo com a clássica obra de Emil Schürer<sup>3</sup>, antes de Jesus, muitos “messias” haviam surgido em Israel<sup>4</sup>, fenômeno iniciado após as revoltas dos macabeus<sup>5</sup>, todavia, nenhum outro grupo teve uma continuidade, e nem muito menos na mesma proporção da do cristianismo.

Além disso, ao pensar numa igreja cristã primitiva, é involuntária a lembrança de toda a iconografia e histórias que relatam os martírios e perseguições que esses cristãos sofreram nos primeiros séculos<sup>6</sup>. Por que um grupo de judeus, religião ainda muito bem estruturada e diferenciada em seu contexto histórico<sup>7</sup>, agora sem seu Mestre, estaria disposto a não só dar continuidade a essa “seita”, como expandi-la e, ainda, se sujeitar à açoites, prisões, perda dos bens, desapropriação e morte<sup>8</sup>?

A essas indagações que pretendo responder neste trabalho, atribuindo à crença na Ressurreição como uma das causas prováveis de tamanhas idiossincrasias que culminaram no que hoje o mundo conhece como cristianismo. O que pode parecer uma temática descartável para a academia moderna, tendo em vista a sua estranheza com o sobrenatural, e que no campo do Jesus “histórico” muitas vezes é posta de lado, sendo tratado como *uma questão de fé*<sup>9</sup>, na verdade, para a realidade social em que a narrativa se insere, o fenômeno da Ressurreição não parece ser tão estranho e inaceitável.

E é justamente isso que pretendo mostrar. Utilizando o relato lucano da Ressurreição de Jesus como base, compararei sua narrativa com outros relatos de ressurreições encontrados

---

<sup>2</sup> At 11:26.

<sup>3</sup> Emil Schürer (1844-1910), depois de estudar em Erlangen, Berlim e Heidelberg de 1862 a 1866, tornou-se em 1873 professor extraordinarius em Leipzig e eventualmente (1895), em 1873, Professor ordinarius em Göttingen. Em 1876 ele fundou e editou Theologische Literaturzeitung, e de 1881 a 1910 editou-o com Adolf Harnack. Sua elaborada obra sobre a história dos judeus no tempo de Cristo, fez dele na Grã-Bretanha e na América um dos mais conhecidos estudiosos alemães modernos. (Cf. Enciclopédia Britânica. Vol. 24. University of Cambridge, 1911. P.386).

<sup>4</sup> Emil Schürer. Historia Del Pueblo Judío En Tiempos De Jesús - 175 a.C. - 135 d.C: Instituciones Políticas y Religiosa. Vol.2. Madrid: Ediciones Cristiandad, S. L., 1985. Pp.652-662.

<sup>5</sup> “Capítulo 3. Tempo de Despertar (I): A Morte e o Além no Antigo Testamento” in: Nicholas T. Wright. A Ressurreição do Filho de Deus. São Paulo: Academia cristã / Paulus, 2013, e Schürer, op. cit. pp.637-696.

<sup>6</sup> Augustine J. O'Reilly. Os Mártires do Coliseu: O Sofrimento dos Cristãos no Grande Anfiteatro Romano. 3ªed. Trad de: M. D. Andrade, Rio de Janeiro: CPAD, 2005. passim.

<sup>7</sup> El panorama cultural in: Schürer, op. cit.

<sup>8</sup> Eusébio de Cesaréia. História Eclesiástica. Tradução de Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002. Livros II-IX.

<sup>9</sup> John Meier. Um judeu marginal. Vol.1. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Imago, 1942. Pp.23-24.

na Paradoxografia<sup>10</sup> de Phlegon de Tralles, importante funcionário do Imperador Adriano, no primeiro século, para tanto utilizarei a obra de William Hansen<sup>11</sup>. Ao explorar a importância da obra paradoxográfica para o mundo antigo, e a erudição e papel histórico do autor Phlegon, no primeiro capítulo, pretendo propor que num período muito próximo a Jesus, a crença no sobrenatural era algo possível, mesmo no meio erudito. Ou seja, crer na ressurreição não era uma ideia completamente inovadora, mas sim uma possibilidade com implicações culturais importantes.

Todavia, como já se poderia supor, a ressurreição dentro do cristianismo possui aspectos exclusivos. Essas peculiaridades serão exploradas no segundo capítulo, comparativamente às características das ressurreições exploradas no Capítulo 1. E por fim, no terceiro capítulo, analisarei a temática da ressurreição nos escritos teológicos dos primeiros séculos, com objetivo de perceber a importância atribuída à Ressurreição pela Igreja Primitiva.

Em resumo, demonstrarei a familiaridade temática cultural da ressurreição, em seguida evidenciarei as especificidades do relato cristão, e por fim, investigarei a repercussão e importância desse tema na Igreja Primitiva. Pretendendo responder se de fato, para aquela cultura, era possível crer na Ressurreição, e ainda, como que no cristianismo, ganhou proporções inimagináveis, que possibilitaram sua expansão e continuidade.

---

<sup>10</sup> Este gênero não possuía um rótulo especial entre os escritores antigos. Somente no início do séc.XIX que Antonius Westermann, estudioso clássico, introduziu o termo paradoxografia para os escritos sobre maravilhas. (Cf. William Hansen. Phlegon of Tralles: Book of Marvels. Exeter: University of Exeter Press, 1996. P.2).

<sup>11</sup> William Hansen é professor de Estudos Clássicos e Folclore na Universidade de Indiana, Bloomington, EUA. Sendo um especialista em folclore grego e romano e especialista em Phlegon. Este editou e publicou a obra de Phlegon de Tralles “Livro de Maravilhas” pela Liverpool University Press, em 1997. (in: [#https://global.oup.com/academic/product/phlegon-of-tralles-book-of-marvels-9780859894258?cc=us&lang=en#](https://global.oup.com/academic/product/phlegon-of-tralles-book-of-marvels-9780859894258?cc=us&lang=en)> 08/12/2016 13:49h).

## CAPÍTULO 1

### “Como crerão se não ouvirem?!”

Uma boa forma de iniciar este trabalho é conceituando o termo *ressurreição*. O que se entende por ressurreição aqui é semelhante à definição apresentada na obra de Nicholas Wright<sup>12</sup>, *A Ressurreição do Filho de Deus*. Segundo o autor, só se trata de ressurreição se houver de fato a morte, um período intermediário em que o indivíduo se encontra verdadeiramente morto, e então um retorno total à vida, isto é, de maneira corpórea. Assim sendo, toda manifestação fantasmagórica, como presente na mitologia grega<sup>13</sup>, onde o morto se assemelha à sombra ou vapor, não será considerada como ressurreição. Além disso, do ponto de vista escatológico, uma ideia de vida após a morte platônica, onde a vida eterna possível não se relaciona ao corpo, mas apenas à alma<sup>14</sup>, também não se caracteriza como objeto para essa pesquisa. Como Wright esclarece, esses são exemplos de vida após a morte, enquanto que a ressurreição está ligada a uma vida, depois da vida após a morte<sup>15</sup>.

Tendo esclarecido este ponto, encontramos na obra *História Noturna: Decifrando o Sabá*<sup>16</sup>, mais propriamente no segundo capítulo, *Ossos e peles*, ao que parece, a mais antiga ideia de ressurreição que se tem notícia, a qual remete a todo um complexo mítico<sup>17</sup> cultural euro-asiático antigo. Isto porque após apresentar uma vasta gama de indícios, de um amplo recorte geográfico, Ginzburg demonstra que diversos mitos e até mesmo ritos estão relacionados ao mundo dos mortos de maneira peculiar, concluindo que: *mitos e ritos que se referem à morte retornam de maneira insistente a ideia de voltar à vida, de renascer*<sup>18</sup>.

Aquelas sociedades antigas acreditavam no possível contato com o mundo dos mortos, e intrigantemente, esse contato poderia ser representado pela imagem de um dos pés descalços e/ou mancos, e, muitas vezes relacionados com a cegueira. Isto porque o fato de os cegos não

---

<sup>12</sup> Wright, nasceu em 1948, é anglicano, e foi Bispo de Durham na Inglaterra até 2010. Ensinou Novo Testamento por vinte anos em Cambridge, Montreal e Oxford. Escreveu mais de trinta livros e atualmente é professor e pesquisador do Novo Testamento e do cristianismo primitivo no St Mary's College, Universidade de St Andrews na Escócia. (Cf. Wright, op. cit. capa).

<sup>13</sup> “Capítulo 2. Sombras, almas e para onde elas vão: A vida pós-morte no paganismo antigo” in: Wright, op. cit.

<sup>14</sup> Id. ibid.

<sup>15</sup> Wright, op. cit. pp.68-70.

<sup>16</sup> *História Noturna* (1991) é um livro que foi escrito por Carlo Ginzburg, historiador erudito, reconhecido por sua importante contribuição à micro história, o qual direciona seus estudos à antropologia, folclore e psicanálise (Cf. Henrique E. Lima Filho. *Microstoria: escalas, indícios e singularidades*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: [s.n], 1999. Pp.275-371).

<sup>17</sup> Igualar os relatos bíblicos com a literatura mitológica seria um equívoco linguístico-literário. Dessa forma, as comparações mitológicas utilizadas a seguir têm como objetivo apenas demonstrar como Ressurreição e ideias semelhantes eram crenças familiares na cultura desta região. (Cf. Airton W. V. Barboza. *O Mito e a História na Criação*. 1ª Edição. São Paulo: Fonte Editorial, 2010).

<sup>18</sup> Carlo Ginzburg. *História Noturna: Decifrando o Sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. P.247.

enxergarem “esse mundo”, dava-lhes condições para enxergarem o mundo dos mortos. A partir disso, temos figuras como Caeculus<sup>19</sup>, um deus dos mortos que era cego<sup>20</sup>, e caminhava com os pés descalços<sup>21</sup>. Na Europa, onde “se acreditava que as almas dos mortos circulassem no meio dos vivos”<sup>22</sup>, essas almas, curiosamente, eram guiadas por um coxo ou por um menino manco. Ainda outra imagem relacionada ao mundo dos mortos com frequência era a representação do homem partido ao meio,

*A investigação antropológica sobre o homem partido ao meio discutiu a possibilidade de que - numa área compreendida entre a Ásia continental, Bornéu e Canadá - esse suposto arquétipo expresse, de forma predominante, a mediação entre o mundo dos humanos e o dos espíritos e deuses.*<sup>23</sup>

O que se faz interessante nesses três símbolos, a coxeadura, a partição ao meio, e a cegueira, para além da experiência com o mundo dos mortos, é que esta, como Ginzburg afirmou, está relacionado a uma busca pelo retorno à vida, uma espécie de aspiração à ressurreição, renascimento. Na Sibéria, em uma fábula samoieda, esta relação se evidencia:

*O herói de uma extraordinária fábula samoieda<sup>24</sup>, morto quatro vezes por um misterioso antagonista, é ressuscitado outras quatro vezes por um velho de uma só perna, uma só mão e um só olho, que conhece a via de acesso a um lugar subterrâneo habitado por esqueletos e monstros silenciosos.*<sup>25</sup>

O renascimento tinha um significado muito importante para essas culturas. Os caçadores, após apanharem sua caça, retiravam toda a carne do animal, e, em seguida uniam seus ossos na mesma configuração inicial, muitas vezes os costurando de volta à pele, pois

---

<sup>19</sup> Nome que provém da figura mitológica romana Caeculus ("pequeno menino cego"), que era um filho do Vulcano, o deus do fogo. A lenda diz que Caeculus nasceu da centelha de Vulcano, encontrada em uma lareira e erguida entre os pastores. O menino mostrou domínio sobre o fogo, mas a fumaça danificou seus olhos, que permaneceram menores do que o normal, daí o nome “um pouco cego”. Esta palavra está ligada ao nome Cecília, que vem do Latim Caecilía que é a forma feminina do antigo nome de família romano Caecilius. Caecilius vem da palavra latina "caecus" que significa "cego" e desenvolvido como um apelido para uma família plebeia romana que datava do séc.V a.C. A família traçou sua ascendência a uma figura mitológica romana Caeculus. (in:<<http://www.ohbabynames.com/meaning/name/cecilia/451#.WEWLvvrLIU>> 08/12/2016 13:48h).

<sup>20</sup> A palavra cego tem sua origem na palavra em latim *caecus* e o verbo cegar tem sua origem na palavra em latim *caecare*. (in:<<https://duvidas.dicio.com.br/cego-ou-sego/>> 08/12/2016 13:48h).

<sup>21</sup> Ginzburg, op. cit. pp.208-210.

<sup>22</sup> Idem, p.216.

<sup>23</sup> Idem, p.217.

<sup>24</sup> Os povos samoiedos foram povos mongoloides, semi-nômades, sendo uma das tribos mais antigas da Ásia Central, que ainda contam com um remanescente que vive ao longo das costas do Oceano Ártico e em um trecho imenso de tundra do Mar Branco para o rio Yenisei (in:<[http://mcmagicsamoyeds.com/?page\\_id=174](http://mcmagicsamoyeds.com/?page_id=174)> 08/12/2016 13:49h).

<sup>25</sup> Ginzburg, op. cit. p.218.

acreditavam que este ritual traria de volta à vida aquele animal, processo fundamental para continuidade da prática da caça:

*Todo animal que surgia no horizonte era um animal ressuscitado. Dai a identificação profunda entre animais e mortos: duas expressões da alteridade. O além foi antes de tudo, literalmente, o outro lugar. A morte pode ser considerada um caso particular de ausência.*<sup>26</sup>

O avanço nessa crença para esta pesquisa está no fato de que, diferentemente das relações da coxeadura, cegueira, e partição ao meio que eram fabulares e mitológicas, neste rito, de fato, se acreditava que o animal ressuscitaria corporalmente. Isto é, trata-se de uma crença recorrente e “palpável”, que também compreendia a um âmbito geográfico vastíssimo, heterogêneo e muito antigo.

*Temas como o homem dividido ou a coleta dos ossos para conseguir a ressurreição dos animais mortos aparecem na Eurásia, na América setentrional e na África continental [...] O costume de reunir os ossos dos animais mortos para fazê-los ressuscitar é certamente muito antigo, como dá a entender a distribuição geográfica (Eurásia, África, Américas) dos testemunhos míticos e rituais.*<sup>27</sup>

Algumas vezes, também se acreditava que esses animais ressuscitavam como mancos. Ossos, pele e coxeadura, portanto, possuíam uma correlação mágica com a crença na ressurreição: “Quem vai ao outro mundo ou de lá retorna - animal, homem ou mistura de ambos - fica marcado por uma assimetria no caminhar”<sup>28</sup>.

Dessa forma, em todo um mundo antigo euro-asiático, acreditava-se que após a morte havia uma existência e a possibilidade de contato com o mundo dos mortos, e não apenas isso, como também a possibilidade de retorno ao mundo dos vivos. Sendo a ressurreição dos animais caçados a forma mais primitiva de crença na ressurreição de fato que se tem notícia.

Retornando ao contexto do primeiro século, também é possível encontrar relatos de ressurreições que se assemelham aos relatos da Ressurreição de Jesus num ambiente social muito próximo, já que a paradoxografia de Phlegon data do séc.I d.C., e foi escrita na corte romana, coração cultural daquela sociedade. Entretanto, antes de retomar esta obra, é importante conceituar o gênero paradoxográfico, por se tratar de um ambiente literário ainda pouco popular.

---

<sup>26</sup> Idem, p.242.

<sup>27</sup> Idem, p.242.

<sup>28</sup> Idem, p.225.

Surgindo muito provavelmente, no final do séc.III a.C.<sup>29</sup>, a paradoxografia se dedicava à histórias fabulosas por meio de relatos de viagem:

*Paradoxografia como uma forma especial de literatura surgiu cedo no período helenístico, quando os autores pela primeira vez compuseram obras literárias que foram dedicadas exclusivamente ao elemento do maravilhoso. O fundador do gênero foi, provavelmente, o poeta e estudioso Calímaco de Cirene (305-240 a.C.), que escreveu a mais antiga obra de Paradoxografia independente, da qual temos algum registro.<sup>30</sup>*

A Paradoxografia é forma de registro de fenômenos maravilhosos, “consiste em catálogos de todos os fenômenos mais bizarros e incompreensíveis da natureza”<sup>31</sup>, mas de forma séria e metodológica:

*A paradoxografia, como se viu, no tanto que derivou da literatura histórica, foi o produto de um momento de autópsia, como garantia de veracidade, [que, em seguida] foi substituída pela autoridade reconhecida das fontes manejadas, o que coincide com o final de ‘As campanhas de Alexandre’, e o trabalho de Teofrasto à frente do Liceu.<sup>32</sup>*

Tal literatura por muito tempo foi desprezada ou criticada pela academia moderna, devido seu caráter voltado ao fantástico e/ou sobrenatural. Mas, na verdade, à sua época este gênero tinha um papel muito importante no meio erudito:

*Na visão tradicional, portanto, se entende a literatura paradoxográfica como uma versão mais leve da ciência focada no lazer, como uma forma de passatempo privada e pessoal, que na interpretação exposta na recente época, é vista como um instrumento ao serviço de literatos, para dar um suporte científico rigorosos para obras poéticas ou histórias de ficção que poderiam ser chamados de "ficção científica", sendo adicionada a possibilidade de entender o uso da literatura de maravilhas no contexto da instituição do simpósio.<sup>33</sup>*

Além disso, um objetivo importante deste gênero era levar o leitor a uma aprendizagem divertida e interessante, que fosse amplamente acessível, “forma de entretenimento e não desafio”<sup>34</sup>, e por isso mesmo podemos contar com sua popularidade e acessibilidade. Unindo

---

<sup>29</sup> Hansen, op. cit. p.3.

<sup>30</sup> Id. ibid.

<sup>31</sup> Idem, p.9.

<sup>32</sup> Irene Pajón Leyra. Tese Doctoral: Paradoxografía Griega: Estudio de un Género Literario. Dpt. de Filología Griega y Lingüística Indoeuropea. Facultad de Filología. Universidad Complutense de Madrid, 2008. P.562.

<sup>33</sup> Idem, p.569.

<sup>34</sup> Hansen, op. cit. p.9.

as duas coisas, nota-se, portanto, o cuidado em citar os nomes das testemunhas oculares e fontes, de forma a tornar os relatos mais críveis:

*Estão relacionados como se fossem [histórias] verdadeiras, e, presumivelmente, são apreciados ainda mais porque elas podem ser verdade, mas na verdade [...] sua veracidade histórica ou científica não é crucial para o seu efeito imediato como narrativas.*<sup>35</sup>

Ou seja, em seu contexto, a literatura paradoxográfica era respeitada e muito popular. E, embora trouxesse fatos extraordinários, ainda eram fatos críveis. Diante disso, a paradoxografia de Phlegon no que se refere à consideração e repercussão muito se destaca, pois, esse autor foi um escravo, posteriormente libertado, de um dos mais populares imperadores, Adriano (117-138 d.C.), pelo qual dedicou a maior parte de sua vida nos serviços à corte<sup>36</sup>. Além disso, Phlegon foi um historiador erudito muito respeitado, tendo escrito catálogos e historiografias do Império, obtendo maior fama por sua literatura paradoxográfica<sup>37</sup>, que, embora incompleta, é uma das três mais importantes, junto com a de Apolônio e Antígono<sup>38</sup>, sendo a mais preservada deste período<sup>39</sup>.

As paradoxografias, no geral, normalmente obedecem à uma ordem estrutural:

*Cada compilador desfruta de liberdade plena na hora de eleger o critério para estruturar a lista de rarezas que elaborará, mas, dentro dessa liberdade, existem três formas de organização que se destacam por sua frequência: a estrutura que atende aos lugares onde se relacionam cada maravilha recolhida - critério local -, a que está fixada em razão da própria raridade - critério temático -, e a que tem por base as fontes das quais o autor da lista utilizou para obter as informações - critério bibliográfico.*<sup>40</sup>

no caso da paradoxografia de Phlegon, o critério estrutural utilizado foi o temático, onde se dedica exclusivamente à fenômenos humanos, relatos misteriosos e grotescos, enquanto que a maioria das paradoxografias se atém a fenômenos naturais e temas científicos<sup>41</sup>:

*Se concentra quase exclusivamente nos fenômenos humanos, e dentro deste reino que habita especialmente no sensacional, o grotesco e o bizarro: fantasmas, hermafroditas, esquisitices humanas, ossos gigantes, etc.*<sup>42</sup>

---

<sup>35</sup> Idem, p.10.

<sup>36</sup> Pajón Leyra, op. cit. p.128.

<sup>37</sup> Idem, p.185.

<sup>38</sup> Idem, p.140.

<sup>39</sup> Idem, p.205.

<sup>40</sup> Idem, p.565.

<sup>41</sup> Id. ibid.

<sup>42</sup> Hansen, op. cit. p.46.

Como as demais paradoxografias, a obra de Phlegon, denominada *O Livro das Maravilhas*, é uma compilação, tendo suas fontes insistentemente indicadas, com o objetivo de agregar credibilidade às informações catalogadas<sup>43</sup>. Mesmo assim, a paradoxografia é uma obra que leva em si a identidade de seu autor, ainda que seja uma compilação, os próprios autores paradoxográficos se sentiam criadores de suas obras<sup>44</sup>. Por isso mesmo, *O Livro das Maravilhas* se diferencia das demais, mesmo as escritas no período imperial, pelo fato de, além de estar escrita em grego, e ter forte influência da cultura grega (poesia homérica, historiografia jônica, e ciência aristotélica)<sup>45</sup>, se dedicar à temáticas de interesse romano, podendo assim ser considerada a única paradoxografia propriamente romana<sup>46</sup>.

Para esta pesquisa, trabalharei duas partes do *Livro das Maravilhas*, primeiramente “fantasmas” e, em seguida, “pessoas que retornaram à vida”. Embora recebam o título de “fantasmas”, a série de relatos interessa a este trabalho pelo fato de esses supostos fantasmas terem retornado à vida em seus corpos, mesmo que dentro de um curto período de tempo, se assemelhando assim a ideia de ressurreição. Em “Pessoas que retornaram à vida” temos relatos de pessoas que após um período diversificado de tempo retornaram à suas vidas, vivendo normalmente, em seus corpos, se aproximando muitíssimo das narrativas bíblicas, portanto. Na verdade, pelo fato da obra de Phlegon estar incompleta, não se sabe se Jesus esteve em sua lista de pessoas que retornaram à vida, o que se sabe é que segundo Orígenes de Alexandria (185-253 d.C.)<sup>47</sup> e João Filopão (490-570 d.C.)<sup>48</sup>, Phlegon teria ouvido falar de Jesus, lhe fazendo referência, inclusive à sua morte e Ressurreição, como será melhor explorado no terceiro capítulo.

### **Fantasmas**

Na parte dedicada aos relatos de fantasmas, Phlegon relata a história de três deles<sup>49</sup>. Como já havia destacado esses fantasmas, diferentemente dos fantasmas mitológicos que não passavam de sombras sem corpo material, possuem corpo e realizam atos no mundo físico, como comer ou matar. Portanto, eles se enquadram bem nesta pesquisa.

---

<sup>43</sup> Pajón Leyra, op. cit. p.190.

<sup>44</sup> Idem, p.568.

<sup>45</sup> Idem, p.191.

<sup>46</sup> Idem, p.128.

<sup>47</sup> Orígenes de Alexandria. Contra Celso. Livro II, cc.14; 33 e 59.

<sup>48</sup> João Filopão. De opificio mundi. Livro II, c. 21 (Cf. < <https://www.neverthirsty.org/about-christ/historical-quotes/phlegon/>> 08/12/2016 13:47h).

<sup>49</sup> Hansen, op. cit. pp.25-37.

O primeiro fantasma relatado é o da jovem Filinion<sup>50</sup>, que quase seis meses depois de sua morte, é avistada pela ama no quarto com um hóspede, Machates. Mesmo relutante em crer, os pais por fim constataam que de fato sua filha estava por três noites visitando Machates. Ao ser descoberta, a menina faz uma declaração, na qual afirma ter um propósito divino, e cai morta, no quarto, novamente. O evento se espalha rapidamente pela cidade de Filinion, e a população decide ir até o sepulcro, abri-lo e verificar se o corpo jazia ali. O corpo não é encontrado no sepulcro, por estar no quarto, mas apenas o anel de ferro que pertencia ao hóspede, junto com a taça de vinho dourada, objetos que ela havia obtido de Machates no primeiro dia. Por fim, decidem queimar o corpo da menina fora das fronteiras. Machates, a quem o fantasma tinha visitado, teria ficado deprimido e se matado.

Podemos notar que o fantasma de Filinion despertou em seu corpo físico, em primeiro lugar pelo fato de ter se passado por viva e dormido três noites com Machates, segundo por ter bebido com ele na noite que foi descoberta, e finalmente, quando os cidadãos descobrem que seu corpo não está no túmulo, mas jazia ainda no quarto de hospedes onde caíra morta pela segunda vez. Além disso, pela narrativa, a menina retornava ao túmulo antes do amanhecer, no qual haveria deixado os pertences de Machates.

O segundo relato, conta a história de Policritos da Etólia<sup>51</sup>, que, após casar-se com Locrian, viveu com ela por três noites e morreu na quarta noite. Locrian engravidou e deu à luz um filho hermafrodita. Os parentes levaram o caso para ser decidido na ágora da cidade, onde sentenciaram a criança à morte, por simbolizar mau agouro, mas, o fantasma de Policritos aparece, com vestes pretas, dizendo que deviam lhe entregar a criança. Na indecisão do povo, Policritos profetiza ruína, toma a criança e a devora, deixando apenas sua cabeça, e desaparece. Então a cabeça da criança que estava no chão começa a falar e prever o futuro contra a cidade.

No caso de Policritos, diferente de Filinion, há a afirmativa do próprio fantasma de que “meu corpo está morto, mas na boa vontade e simpatia que sinto por vocês eu estou vivo”<sup>52</sup>, além disso, ele desaparece repentinamente, não deixando um corpo para trás, como no primeiro caso. Todavia, é interessante notar que Policritos, além de declarar estar vivo, devora a criança. Assim, mesmo “morto”, este fantasma efetua ações do mundo físico.<sup>53</sup>

Por fim, Phlegon nos apresenta um relato com dupla aparição. Primeiro, um comandante da cavalaria da Síria que havia sido morto com doze feridas no confronto entre

---

<sup>50</sup> Idem, p.25.

<sup>51</sup> Idem, p.28.

<sup>52</sup> Idem, p.29.

<sup>53</sup> Idem, pp.29-31.

romanos e selêucidas, chamado Bouplagos<sup>54</sup>. Este se levantou dentre os mortos e foi ao acampamento romano para profetizar sobre a expansão romana, e em seguida volta a morrer. Posteriormente o general romano Publio<sup>55</sup> começa a delirar e profetizar palavras semelhantes às do comandante selêucida. Depois ele sobe em um carvalho e declara que será morto naquele mesmo dia por um grande lobo vermelho. A fera aparece e devora todo seu corpo menos sua cabeça. Quando o lobo vai embora, a cabeça declara ser sagrada e por isso não deveria ser tocada<sup>56</sup>.

O relato de Bouplagos se assemelha mais com o de Filinion, pois este se levanta dos mortos com o mesmo corpo para profetizar. Enquanto que o relato de Publio, cuja cabeça extraordinariamente também começa a falar, se assemelha ao relato do filho de Policritos. Nos dois casos, cabeças falarem fora do corpo representam um mau presságio profético.

Diante disso, nota-se que os relatos dos fantasmas, embora falem sobre um retorno do mundo dos mortos, tem um objetivo muito específico, onde o fantasma, ainda que em seu corpo, após realizar seu propósito, volta ao mundo dos mortos. Diferente dos casos de ressurreição que veremos a seguir, esta ressurreição fantasmagórica tem como característica o retorno corporal, mas, acompanhado de algum propósito divino, profético ou não, e, por isso, tratando-se de aparições de curta duração.

### **Retorno à vida**

“Pessoas que retornam à vida”, um pequeno apêndice da obra de Phlegon, é o tema de sua obra que mais se aproxima dos relatos bíblicos, pois, de fato o indivíduo morre, e em seguida retorna à vida, no mesmo corpo, para viver de forma comum. Também teremos três relatos, o primeiro:

*Naumaquios o epirota, um homem que viveu no tempo dos nossos avós, relata que Policritos de Etólia, o mais ilustre dos etolianos, morreu e voltou à vida no nono mês após a sua morte. Ele apareceu na assembleia geral dos etolianos onde ele lhes deu excelentes conselhos sobre as matérias que foram deliberativas. Convocaram os historiadores de Éfeso e outros testemunharam esses eventos e escreveram sobre eles ao rei Antígono e outros amigos deles que estavam em outro lugar.<sup>57</sup>*

Segundo Hansen, Phlegon como compilador, encontrou o seu material quase que inteiramente em obras publicadas anteriormente<sup>58</sup>. Nesse relato percebemos a referência a sua

---

<sup>54</sup> Idem, p.32.

<sup>55</sup> Idem, p.34.

<sup>56</sup> Idem, p.36.

<sup>57</sup> Hansen, op. cit. p.199.

<sup>58</sup> Hansen, op. cit. p.66.

fonte: Naumaquios o epirota, com uma especificação temporal, isto é, trata-se de um relato próximo a geração de Phlegon, e espacial, “etólios”. Tanto mais reforça ao citar outras fontes que teriam feito o mesmo relato ao rei Antígono. Tal recurso confere maior veracidade ao relato paradoxográfico, como destacamos anteriormente. Já neste, o relevante está no tempo que Policritos o etólio permaneceu morto, nove meses, e que sua volta foi virtuosa, sendo útil aos conselhos de sua cidade.

O segundo relato, ressurreição de Eurino:

*Um homem com o nome de Eurino tivera a mesma experiência não muito tempo antes em Nicópolis. Enterrado fora da cidade por seus parentes, voltou à vida após o décimo quinto dia do seu enterro, dizendo que ele tinha visto e ouvido muitas coisas maravilhosas debaixo da terra, mas que ele tinha sido proibidos de divulgar qualquer uma delas. Ele viveu por um longo tempo depois disso e tornou-se uma pessoa mais correta depois de seu retorno à vida do que antes.<sup>59</sup>*

Neste relato também temos a referência temporal e espacial do que aconteceu: “não muito tempo antes, em Nicópolis”. Diferente do relato anterior não efetua nenhuma referência à possível fonte. Sua ressurreição acontece quinze dias após sua morte. É interessante o fato desse Eurino ter retornado com uma experiência sobrenatural. Ele também tem um retorno virtuoso, onde se diz que “foi percebido ser uma pessoa mais correta depois de seu retorno à vida”<sup>60</sup>.

E o terceiro, a ressurreição de Rufo:

*A estes acrescenta uma terceira pessoa, nascido apenas ontem como dizem, Rufo de Filipos na Macedônia, um homem que havia sido considerados digno como o mais importante no sumo sacerdócio em Tessalônica. Ele morreu e voltou à vida no terceiro dia, e quando ele voltou à vida, disse que ele tinha sido enviado de volta pelos deuses infernais para falar às pessoas um relato dos lugares que tinha experimentado. Ele viveu até que tivesse cumprido esta tarefa e depois morreu novamente.<sup>61</sup>*

Novamente a referência espacial e temporal, quando se diz que Rufos é de Filipos na Macedônia<sup>62</sup>, ao que parece da geração quase contemporânea a Phlegon. Assim como

---

<sup>59</sup> Idem, op. cit. p.199.

<sup>60</sup> Id. ibid.

<sup>61</sup> Id. ibid.

<sup>62</sup> Pertencente a Filipe. Cidade da Macedônia (primitivamente Crenides), cujo nome se deriva de Filipe, rei da Macedônia, e pai de Alexandre Magno, que a reedificou e embelezou (cerca do ano 350 a.C. ). A antiga Filipos, que estava afastada da costa, cerca de quinze quilômetros, não é hoje mais do que ruínas – mas o seu antigo porto de Neápolis é hoje conhecido pelo nome de Kavalla. Entre Filipos e o mar havia uma série de montes

Policritos, do primeiro relato, Rufos era um homem que se destacava em virtude, e como Eurino, voltou com uma experiência sobrenatural profética, mas que agora deveria ser divulgada.

Nessa ressurreição, de fato, as pessoas retornam à vida após um período de morte variado, num extremo, nove meses, a outro, uma quinzena de dias. Na maioria das vezes, retorna com virtudes ou “melhor” do que era, vivendo por um período de tempo, voltando a morrer um dia, como uma pessoa comum.

### **Conclusão**

Como demonstrado nesse capítulo, pelo menos quatro tipos de ressurreição podem ser categorizadas na literatura antiga. (a) Ressurreição relacionada à coxeadura, cegueira e partição ao meio (b) Ressurreição animal, (c) Ressurreição fantasmagórica, e (d) Ressurreição como relato, seguida ou não de profecias. Todas essas de alguma maneira podem se comunicar com os relatos bíblicos apresentados na introdução. Assim, podemos afirmar que tal fenômeno sobrenatural de fato não era algo estranho e desconhecido pela geração receptora destas afirmações. Pelo contrário, era algo possível, mesmo que dentro de um contexto hoje estranho a nós.

## CAPÍTULO 2

### Particularizando o Fantástico Comum

De todas as ressurreições que trabalhei até agora, aquela que temos mais material para análise é a de Cristo. Não apenas pelo fato de termos relatos diferentes, escritos por autores diferentes, só nos evangelhos, mas também pelo fato desses textos estarem compilados em quantidades impressionantes de manuscritos ao longo do tempo.<sup>63</sup> Outra peculiaridade muito importante é o fato desse relato ser uma das bases para a principal religião ocidental até os dias de hoje. Dessa forma, a importância social e cultural dessa narrativa, assim como o grande fluxo de estudos sobre essas fontes ao longo da história, é incomparavelmente maior que das demais fontes aqui utilizadas.

Neste capítulo utilizei o relato presente na obra lucana, tanto em seu evangelho, como o prólogo do livro de Atos dos apóstolos. No último capítulo de seu evangelho, 24, temos o relato mais extenso da Ressurreição no Novo Testamento, dividido em três momentos: O primeiro momento é a visita das mulheres ao túmulo, que é encontrado vazio, e anjos anunciam às mulheres que Jesus havia ressuscitado. O segundo momento do relato conta que Jesus se apresenta a alguns discípulos no caminho para Emaús. O terceiro momento é quando Jesus se apresenta aos onze discípulos e em seguida sobe aos Céus. Por fim, o prólogo de Atos nos dá informações sobre o período que Jesus permaneceu entre seus discípulos.

O gênero *evangelho* nasceu provavelmente entre os judeus no período vetero testamentário, onde eram descritas a vida e os feitos de profetas. O livro de Jeremias contém elementos muito semelhantes a este gênero, por exemplo. Também temos uma literatura muito parecida no meio greco-romano, através das biografias, como nas obras de Plutarco e Filóstrato.<sup>64</sup> Em suma, na antiguidade esse gênero não estava definido, e muitos dos paralelos são posteriores.<sup>65</sup> As biografias greco-romanas se diferenciam por valorizar os primeiros anos do herói e seus primeiros triunfos. Os evangelhos estão, por sua vez, muito mais interessados num propósito teológico e missionário, antecipando a eclesiologia e inseridos em uma tradição religiosa, sendo úteis nas leituras nos cultos litúrgicos.<sup>66</sup>

Levando em consideração essas características típicas do gênero evangélico, as leituras das fontes lucanas se diferenciam das leituras dos relatos de Phlegon. Enquanto

---

<sup>63</sup> Julio Treballe Barrera. *La Biblia judia y la Biblia cristiana: Introducción a la historia de la biblia*. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1999. passim.

<sup>64</sup> Raymond E. Brown. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004. P.163.

<sup>65</sup> Id. *ibid.*

<sup>66</sup> Idem, p.164.

Phlegon utiliza-se basicamente do gênero textual informativo, os evangelhos, embora também sejam relatos, utilizam-se do gênero textual com implicações e objetivos teológicos. Dessa forma é nítida a diferença textual entre ambos.

### **Momento 1. (Lc 24:1-12)**

*Mas, no primeiro dia da semana, alta madrugada, foram elas ao túmulo, levando os aromas que haviam preparado. (v.1)*

O primeiro dia da semana marcava o terceiro dia em que Jesus havia sido crucificado. Temos aqui uma referência à profecia messiânica da Ressurreição no terceiro dia. O texto lucano discorre com sua narrativa dando a entender que nenhum dos seguidores de Jesus realmente acreditavam e esperavam por sua Ressurreição.

*E encontraram a pedra removida do sepulcro; mas, ao entrarem, não acharam o corpo do Senhor Jesus. Aconteceu que, perplexas a esse respeito, apareceram-lhes dois varões com vestes resplandecentes. Estando elas possuídas de temor, baixando os olhos para o chão, eles lhes falaram: Por que buscais entre os mortos ao que vive? Ele não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos de como vos preveniu, estando ainda na Galiléia, quando disse: Importa que o Filho do Homem seja entregue nas mãos de pecadores, e seja crucificado, e ressuscite no terceiro dia. Então, se lembraram das suas palavras. E, voltando do túmulo, anunciaram todas estas coisas aos onze e a todos os mais que com eles estavam. (vv.2-9)*

Algo interessante do evangelho lucano é que num primeiro momento, há apenas o anúncio de que ele havia ressuscitado, enquanto sua aparição se dá aos poucos, dando margem às especulações dos discípulos. Nos demais evangelhos, temos o próprio Jesus se revelando fora do túmulo antes de apresentar-se para todos.

Temos assim, dois homens com vestes resplandecentes, posteriormente reconhecidos como anjos, que fazem o anúncio profético do cumprimento das Escrituras. Pela primeira vez o texto lucano utiliza-se do termo “Senhor Jesus” em seu evangelho, termo utilizado frequentemente pelo autor em Atos.

*Eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago; também as demais que estavam com elas confirmaram estas coisas aos apóstolos. Tais palavras lhes pareciam um como delírio, e não acreditaram nelas. Pedro, porém, levantando-se, correu ao sepulcro. E, abaixando-se, nada mais viu, senão os lençóis de linho; e retirou-se para casa, maravilhado do que havia acontecido. (vv.10-12)*

Aqui se torna evidente a grande incredulidade por parte dos discípulos.

### **Momento 2. (Lc 24:13-32)**

*Naquele mesmo dia, dois deles estavam de caminho para uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios. E iam conversando a respeito de todas as coisas sucedidas. Aconteceu que, enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e ia com eles. Os seus olhos, porém, estavam como que impedidos de o reconhecer. Então, lhes perguntou Jesus: Que é isso que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais? E eles pararam entristecidos. Um, porém, chamado Cleopas, respondeu, dizendo: És o único, porventura, que, tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências destes últimos dias? Ele lhes perguntou: Quais? E explicaram: O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que era varão profeta, poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo, e como os principais sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel; mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam. É verdade também que algumas mulheres, das que conosco estavam, nos surpreenderam, tendo ido de madrugada ao túmulo; e, não achando o corpo de Jesus, voltaram dizendo terem tido uma visão de anjos, os quais afirmam que ele vive. De fato, alguns dos nossos foram ao sepulcro e verificaram a exatidão do que disseram as mulheres; mas não o viram. (vv.13-24)*

Pelo relato desses discípulos “desconhecidos”, Jesus era uma figura famosa, e seu caso trouxe repercussão em toda a cidade. Este é o ápice da incredulidade dos discípulos na narrativa do texto lucano. Nesse momento, os discípulos expõem a tristeza e frustração com a morte de seu messias, e sua esperança frustrada de que seriam libertos por Jesus. A promessa messiânica nas escrituras era interpretada no contexto que Jesus vivera como um messias que libertaria os judeus da opressão romana. Principalmente após as revoltas macabéias, era muito comum interpretar a vinda do messias como uma restauração política<sup>67</sup>.

O ápice da incredulidade se demonstra pelo fato desses discípulos se mostrarem frustrados e tristes, provavelmente voltando para sua casa, haja vista que Jesus morrera, e não obstante as mulheres e alguns discípulos constatarem que o túmulo estava vazio, ocasião em que eles teriam reagido com assombro, o texto lucano é enfático em mostrar que eles ainda não criam.

*Então, lhes disse Jesus: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras. Quando se aproximavam da aldeia para onde iam, fez ele menção de passar adiante. Mas eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque é tarde, e o dia já declina. E entrou para ficar com eles. E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando ele o pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu; então, se*

<sup>67</sup> “Mesianismo” in: Schürer, op. cit.

*lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles. E disseram um ao outro: Porventura, não nos ardia o coração, quando ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras?(vv.25-32)*

Destaco aqui pelo menos duas características interessantes do Jesus ressurreto. Primeiro, é provável que Jesus tenha um aspecto diferente, em vista de não ser facilmente reconhecido por seus discípulos. Mas tal fisionomia é humana, pois os discípulos o reconhecem como um homem comum. Segundo, embora aparentemente possuísse uma fisionomia humana, Jesus possui características sobrenaturais, pois se diz que ele simplesmente desaparece, tornando-se invisível aos discípulos.

### **Momento 3. (Lc 24:33-53)**

*E, na mesma hora, levantando-se, voltaram para Jerusalém, onde acharam reunidos os onze e outros com eles, os quais diziam: O Senhor ressuscitou e já apareceu a Simão! Então, os dois contaram o que lhes acontecera no caminho e como fora por eles reconhecido no partir do pão. (vv.33-35)*

Até aqui, o texto lucano nos traz duas evidências. Jesus já teria aparecido para os dois discípulos no caminho de Emaús, e também a Pedro. O texto lucano constrói a narrativa de forma “crescente”: aos poucos Jesus vai se evidenciando, em contraste com a descrença dos discípulos.

*Falavam ainda estas coisas quando Jesus apareceu no meio deles e lhes disse: Paz seja convosco! (v.36)*

Neste verso temos o ápice da Ressurreição, o fim do mistério e das especulações, onde Jesus se revela a todos os discípulos que estavam reunidos. Temos também, mais uma vez, uma demonstração sobrenatural de Jesus, o qual simplesmente aparece no meio deles. Mesmo assim, o texto lucano enfatiza o fato dele estar vivo em corpo.

*Eles, porém, surpresos e atemorizados, acreditavam estarem vendo um espírito. Mas ele lhes disse: Por que estais perturbados? E por que sobem dúvidas ao vosso coração? Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho. Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. E, por não acreditarem eles ainda, por causa da alegria, e estando admirados, Jesus lhes disse: Tendes aqui alguma coisa que comer? Então, lhe apresentaram um pedaço de peixe assado. (vv.37-42)*

Aqui, a preocupação do autor do evangelho em evidenciar que Jesus estava vivo no corpo se demonstra nas afirmações do mestre, as provas são sua própria carne, ossos e

marcas. Jesus ressuscitara no mesmo corpo no qual havia morrido, questão que fica evidente no túmulo vazio, e nas marcas das mãos e pés. A última prova para demonstrar sua Ressurreição é o fato de Jesus comer, apenas um corpo humano vivo poderia comer, dentro da lógica da narrativa.

*E ele comeu na presença deles. A seguir, Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras; e lhes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém. Vós sois testemunhas destas coisas. Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneci, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder. Então, os levou para Betânia e, erguendo as mãos, os abençoou. Aconteceu que, enquanto os abençoava, ia-se retirando deles, sendo elevado para o céu. Então, eles, adorando-o, voltaram para Jerusalém, tomados de grande júbilo; e estavam sempre no templo, louvando a Deus. (vv.43-53)*

O grande diferencial dentre todas as demais narrativas da ressurreição se comparado à de Jesus está no fato de sua importância teológica. Jesus nunca foi um homem comum, nem teria ressuscitado com um propósito profético posterior a sua morte, como a maioria dos que foram trabalhados. Antes, Jesus se diferencia por ter uma profecia que antecedia sua morte, isto é, Jesus foi o único que predisse sua morte e Ressurreição, e não apenas ele, mas os profetas da Bíblia Hebraica, em sua interpretação das Escrituras.

Dessa forma, a Ressurreição de Jesus era fundamental para validar toda sua pregação, e por isso é um dos pilares da religião cristã. Jesus é validado como profeta não só pela lei, mas pelo cumprimento da mesma. E, agora, os discípulos, sendo testemunhas disso tinham o dever de anunciar esta mesma mensagem profética.

#### **Momento 4. (At 1:1-3)**

*Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar até ao dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas. A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus. (At 1:1-3)*

Embora Atos não seja um Evangelho, sua narrativa é bem parecida com esse gênero. A diferença é que seu foco não está na pessoa divina/profeta, mas sim nos feitos da Igreja Primitiva. Na abertura do livro, o texto lucano parece continuar sua narrativa exatamente de

onde havia parado no evangelho. Aqui, o que interessa a este trabalho são as evidências temporais e testemunhais, pois se diz que Jesus ainda esteve no meio de todos por quarenta dias.

### Conclusão

Tendo analisado a fonte escolhida, e para facilitar a comparação com as muitas *ressurreições* que tenho trabalhado até então, farei uso de duas tabelas elaboradas para facilitar este fim.

Tipo	Casos	Relações	Localização	Tempo sem vida	Tempo ressurreto	Profecia
Ressurreição relacionada à coxeadura, cegueira e partição	Herói samoiada, e o velho	Fábula	Eurásia, na América setentrional e na África continental	-	-	Sem profecia
Ressurreição animal	Rituais de caça	Rito		-	Até nova morte	
				-	Até nova morte	
Ressurreição fantasmagórica	Jovem Filinnion	Acontecimento	-	6 meses	3 noites	Sua volta tinha um propósito divino
	Policritos		Etólia - Grécia	Aprox. 9 meses	Momentos	Profecia contra a cidade
	Bouplagos		Asia	Momentos		Profecia contra e expansão romana
	Publio, general romano					
Ressurreição como relato	Policritos		Etólia - Grécia	9 meses	-	Apareceu na assembleia geral dos etolianos onde lhes deu excelentes conselhos
	Eurino		Nicopolis	15 dias	Viveu por um longo tempo	Ele tinha visto e ouvido muitas coisas maravilhosas debaixo da terra, mas que tinham sido proibidas de serem divulgadas
	Rufo		Filipos na Macedônia	3 dias	Viveu até que ele tinha cumprido sua tarefa	Ele tinha sido enviado de volta pelos deuses infernais para falar às pessoas um relato dos lugares que tinha experimentado
Ressurreição como relato querigmático	Jesus Cristo	Acontecimento	Jerusalém	3 dias	40 dias	Cumprimento das profecias da Bíblia Hebraica (Sl 16:8-10; 68:18 Is 53; 55:3 Dn 12; 9:26; 10:5-6) e pregações proféticas do próprio Jesus.

Tabela 1

Basicamente, as ressurreições tratadas até então partem de uma tipologia muito diversa. A relação temporal também varia muito, dentre momentos, dias a meses. A maioria é

seguida de profecia e virtude após a ressurreição. A exceção é o próprio Jesus, pois sua vida, morte e Ressurreição já faziam parte de uma profecia. Uma informação muito importante desta relação é a geográfica, pois há proximidade entre todos os relatos.

Tipo	Casos	Provas	Repercussão/ Influência	Características
Ressurreição relacionada à coxeadura, cegueira e partição	Herói samoieta, e o velho	-	-	Velho de uma só perna, uma só mão e um só olho. Fim: volta a morrer;
Ressurreição animal	Rituais de casa	-	-	Com assimetria no andar. Fim: volta a morrer;
		-	-	Sem assimetria no andar. Fim: volta a morrer;
Ressurreição fantasmagórica	Jovem Filinnion	Objetos do hóspede, também bebe e dorme	Cidade	Vem pela noite. Fim: volta a morrer;
	Policritos	Come		Cabeça profética, menino hermafrodita. Fim: desaparece repentinamente;
	Bouplagos	-	Império romano	Comandante Sírio. Fim: volta a morrer;
	Publio, general romano	-		Profecia e delírio, seguida de morte, cabeça profética;
Ressurreição como relato	Policritos	Fontes importantes	O mais ilustre dos etolianos	Fontes: Naumachios o epirota, um homem que viveu no tempo dos nossos avós, e os historiadores de Éfeso e outros testemunharam esses eventos e escreveram sobre eles ao rei Antígonos. Retorno virtuoso. Fim: volta a morrer;
	Eurino	-	-	Tomou-se uma pessoa mais correta depois de seu retorno à vida. Fim: volta a morrer;
	Rufo		Havia sido considerado digno do mais importante sumo sacerdócio em Tessalônica	Fim: volta a morrer
Ressurreição como relato querigmático	Jesus Cristo	Corpo de carne e osso, marcas nas mãos e pés, come. Muitas testemunhas	Cristianismo	Testemunhado por mulheres, expectativa VS. incredulidade, chamado Senhor Jesus, ou seja, reconhecido como divino. Aparece e desaparece de forma sobrenatural. Marcas. Fim: Sobe aos Céus.

Tabela 2

Nesta segunda tabela, é interessante notar que no relato da jovem Fillinion e de Policritos, embora sejam reconhecidos pelas testemunhas e pelo próprio Phlegon como fantasmas, também comem, bebem, e dormem, como se tivesse corpo. Inclusive, evidências semelhantes a essa são evocadas como prova da Ressurreição de Jesus.

Em relação à repercussão e/ou influência, notamos uma crescente. Em alguns casos, a escolha do ressuscitado parece ser totalmente aleatória, enquanto em outros, como no caso do general romano, ou do comandante sírio, agrega-se a esse fato maior relevância socialmente, do que se tratando de uma simples jovem, como no caso de Fillinion.

Dentre as características de cada caso, podemos destacar uma comum a todas, que é o fato de voltar ou não a morrer. O único caso em que os indivíduos não voltam a morrer se refere à Policritos, onde ele simplesmente desaparece, não deixando claro se haveria morrido depois ou não, talvez pelo fato de se tratar de uma “aparição fantasmagórica”. Além dele, temos o próprio Jesus, o qual, segundo o Novo Testamento, teria ressuscitado para a vida eterna, não voltando assim a morrer, sendo, após os quarenta dias, elevado aos céus.

### **CAPÍTULO 3**

#### **Repercussão interna**

Pelas conclusões que alcancei no capítulo 1, era normal, mesmo em autores eruditos não cristãos, relatos de ressurreição, e, conforme demonstrei no capítulo 2, a Ressurreição de Cristo é um caso particular dentre esses relatos. Neste capítulo a pesquisa foi direcionada às obras dos primeiros teólogos da Igreja Primitiva. O objetivo é encontrar argumentos que justifiquem a crença dos primeiros cristãos na Ressurreição, como a entendiam, como podiam crer nela, e, sucessivamente, crer na pregação evangélica ao ponto de morrer por essa crença, levando em consideração a suposição de que sem a ideia de ressurreição não haveria a propagação da fé cristã. Com esse propósito, pesquisei as principais obras de dez nomes muito importantes, dentre padres apostólicos e apologistas dos primeiros séculos.

Pode parecer questionável saltar dos Evangelhos para os padres da Igreja dos primeiros séculos não trabalhando as obras do apóstolo Paulo. Sem dúvidas, graças à interpretação teológica paulina, a Ressurreição tomou proporções basilares para o cristianismo, fato atestado inclusive por Geza Vermes, um dos principais nomes na pesquisa do Jesus histórico dos últimos anos, em uma de suas conclusões<sup>68</sup>. Todavia, não haveria espaço suficiente neste trabalho para pesquisa da obra paulina, dada sua complexidade. Além disso, a maior contribuição de Paulo se mostra com foco teológico, enquanto que aqui o foco está no relato da ressurreição e sua repercussão primitiva. Dessa forma, não analisarei a obra Paulina consciente de que sua contribuição é essencial para a continuação do desenrolar da história do cristianismo, e, que, não coincidentemente, sua teologia estará presente em boa parte das obras teológicas que lhe sucederam, inclusive nas que aqui serão trabalhadas.

A primeira questão que busquei responder neste capítulo foi: a ressurreição foi uma temática abordada por esses escritores? E, qual a relevância dentro das obras abordadas? De fato, todos esses autores fazem referência à ressurreição, mas nem todos se referem à Ressurreição de Cristo. Isso porque alguns desses abordam a ressurreição de maneira global, se referindo à Ressurreição Final de todos os homens. Diante das muitas teorias para existência pós-morte neste período, esses escritores defendem sua esperança futura na ressurreição dos mortos na carne, que ocorreria no Juízo Final. Assim, primeiramente, analisarei as obras dos autores que se dedicaram à ressurreição geral, para posteriormente analisar as obras que lidam com a Ressurreição de Cristo propriamente dita.

---

<sup>68</sup> “Capítulo 15: O significado do conceito de Ressurreição no Novo Testamento”. in: Geza Vermes, *Ressurreição História e Mito*, 1ª Edição. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2013.

**Clemente de Roma (30-100 d.C.)**<sup>69</sup> em sua *Primeira Carta aos Coríntios*, embora cite a Ressurreição de Cristo em acordo com a tradição do Novo Testamento, dá atenção à temática da ressurreição escatológica. Seu público alvo são cristãos, portanto, seus argumentos pretendem gerar esperança no coração dos fiéis. No capítulo vinte e quatro busca explicar o motivo da ressurreição ainda não ter se concretizado para os cristãos. Argumenta efetuando analogias, temporais: “o dia e a noite nos manifestam a ressurreição: dorme a noite, ressuscita o dia; o dia se retira, chega a noite”<sup>70</sup>, e práticas, “o semeador sai e espalha, semente por semente, pela terra lavrada, que caem secas e nuas sobre a terra e aí se desfazem; desta decomposição, a grandiosa providência do Senhor às ressuscita”<sup>71</sup>, se todas essas coisas estão sujeitas a um tempo determinado, também a Ressurreição Final estaria. Outra analogia interessante está no capítulo 25 e 26 quando Clemente compara a ressurreição à figura da Fênix:

*Consideremos o sinal prodigioso que ocorre na região oriental, isto é, nas terras próximas da Arábia. Aí existe um pássaro chamado fênix, único na espécie e que vive quinhentos anos. Quando está para morrer, ergue seu próprio sepulcro usando incenso, mirra e outras plantas aromáticas e, ao completar seu tempo, aí se introduz e morre. De sua carne em decomposição nasce uma larva que se alimenta da matéria putrefata do animal morto e cria asas; quando se torna forte, levanta o sepulcro onde se encontram os restos de seu ancestral e carrega-o, voando da terra da Arábia até a cidade do Egito chamada Heliópolis. E, em plena luz do dia, aos olhos de todos, transporta e depõe aqueles restos sobre o altar do sol; a seguir, retoma o voo de volta. Então os sacerdotes examinam os calendários e percebem que ele chegou ao se completarem quinhentos anos.*<sup>72</sup>

Traz, em seguida, à memória trechos da escritura que afirmam a ressurreição, e conclui, no capítulo 27 tendo como argumento os atributos divinos: se Deus não pode mentir, a Ressurreição era certa.

---

<sup>69</sup> Clemente de Roma (30-100 d.C.), ou Papa Clemente, se destacou como um dos mais conhecidos e respeitados pais da Igreja Primitiva. Supõe-se que pelo fato de sua possível relação com os apóstolos, muitas lendas e textos foram atribuídas à Clemente, todavia, a única obra considerada autêntica é conhecida como a Primeira Carta aos Coríntios, nome provavelmente acrescentado posteriormente. Nesta carta, o pai apostólico destaca a importância da organização do corpo eclesial, e de forma sutil aponta para a autoridade da Igreja de Roma, mesmo que sem sugerir que ela poderia interferir sobre a gestão de outras igrejas. (Cf. José J. P. Melo. “São Clemente Romano e sua Carta aos Coríntios: Aspectos da Educação Cristã” in: Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano V, n. 13, Maio 2012. Pp.181-184).

<sup>70</sup> Clemente. Primeira Carta aos Coríntios 24.3.

<sup>71</sup> Idem, 24.5.

<sup>72</sup> Idem, 25.1-6.

Também **Atenágoras de Atenas (133-190 d.C.)**<sup>73</sup> em sua apologia *Apelo em favor dos cristãos*, irá se referir à ressurreição geral, de todos os cristãos, mas diferente de Clemente, tem como público alvo os pagãos. Em sua apologia defende-se das acusações de antropofagia. Essa acusação era fruto da má interpretação da parte dos não convertidos da prática eucarística, onde se participa do Cristo no vinho, que representa/é o sangue, e no pão, que representa/é a carne. Todavia, por não entenderem a complexidade deste rito, acreditavam que os cristãos de fato se alimentavam de pessoas. Dessa forma, um de seus argumentos é que quem acredita na Ressurreição dos mortos não poderia “oferecer-se como sepultura dos corpos que não de ressuscitar”<sup>74</sup>. Por consequência, a antropofagia era uma prática abominável para os cristãos. Além disso, ele defende que crer na ressurreição não é nenhum mal social, no máximo seria ingenuidade da parte dos que acreditam. E completa argumentando que também muitos filósofos acreditavam na ressurreição, expondo brevemente argumentos filosóficos da possibilidade da Ressurreição, deixando clara a influência platônica que o movia.

*Entretanto, não somos apenas nós que admitimos a ressurreição dos corpos, mas muitos filósofos também estão conosco. Contudo, seria ocioso demonstrar-vos isso agora, a não ser que introduzíssemos raciocínios estranhos ao nosso objetivo, falando do inteligível, do sensível, da constituição de um e de outro, que o incorpóreo é anterior aos corpos, que inteligível precede o sensível, embora não seja isso o que primeiro encontramos, pois os corpos são constituídos de elementos incorpóreos, conforme a acumulação do inteligível, e o sensível é constituído de elementos inteligíveis. Segundo a doutrina de Pitágoras e de Platão, nada impede que, realizada a dissolução dos corpos, voltem depois a organizar-se com os mesmos elementos dos quais eram constituídos no princípio.*<sup>75</sup>

Atenágoras também escreveu uma obra dedicada exclusivamente à temática da ressurreição, *Da Ressurreição*. Essa obra é direcionada aos pagãos, também em defesa de um entendimento adequado a respeito da ressurreição. Através de argumentos lógicos, Atenágoras demonstrará como é possível a ressurreição acontecer sem contradições com os questionamentos respondidos. Seu principal pressuposto está nos atributos e infinito poder de

---

<sup>73</sup> Atenágoras de Atenas (133-190 d.C.) foi um notável apologista cristão. De acordo com a tradição, ele teria se convertido lendo as Escrituras. Este tem duas obras principais, uma apologia denominada *Apelo em favor dos cristãos*, a qual ele endereça ao Imperador Marco Aurélio e seu filho Cômodo, com o objetivo de obter clemência ao rebater as acusações falsas contra os cristãos. E sua segunda obra é *Da Ressurreição*, onde, através de argumentos filosóficos, defende a crença na Ressurreição. (Cf. Philip Schaff. Ante-Nicene Fathers 2: Fathers of the Second Century: Hermas, Tatian, Athenagoras, Theophilus, and Clement of Alexandria. Christian Classics Ethereal Library, 1885).

<sup>74</sup> Atenágoras. *Legatio pro Christianis* c.36.

<sup>75</sup> Id. *ibid.*

Deus. Além disso, demonstra a unidade do ser humano, de forma que a única ressurreição possível seja a da carne. O corpo sofre e age conforme a alma, para o bem ou para o mal, e por isso, da mesma forma deve receber a punição ou recompensa juntamente com a alma na ressurreição final. O texto segue uma lógica filosófica que lida com a ressurreição geral, não fazendo nenhuma menção à Ressurreição de Cristo, focando em sua perspectiva escatológica.

Conclui seu raciocínio demonstrando que os corpos serão formados de novo, e independentemente de terem sido “totalmente dissolvidos” serão corpos iguais aos anteriores. Cada corpo, para ele, só pode ser reconstituído se for para a mesma alma, da mesma sorte que cada alma para seu antigo corpo, portanto, a única forma disso acontecer é pela ressurreição da carne:

*E como este segue de necessidade, deve por todos os meios haver uma ressurreição dos corpos que são mortos, ou mesmo totalmente dissolvidos, e os mesmos homens devem ser formados de novo, uma vez que a lei da natureza ordena o fim não absolutamente, nem como o final de qualquer homem, mas de os mesmos homens que passaram pela vida anterior; mas é impossível para os mesmos homens serem reconstituídos a menos que os mesmos corpos sejam restaurados para as mesmas almas. Mas, mesmo que a alma deva obter o mesmo organismo é impossível de qualquer outra forma além da ressurreição; pois se isso ocorre, um fim condizente com a natureza dos homens segue também.*<sup>76</sup>

**Teófilo de Antioquia (séc.II d.C.)**<sup>77</sup> em sua *À Autólico*, faz breve referência à ressurreição, apelando à fé. Segundo este, todos temos fé nas coisas, sendo ela o princípio de liderança de todas as questões. Ou seja, tudo que o homem faz é por fé, ir ao médico, lavrar a terra, e etc, só realiza porque confia num fim. À vista disso, se todos criam em propósitos terrenos e mutáveis, deveriam crer também nos propósitos de Deus e no que Ele disse.<sup>78</sup>

Este autor afirma que mesmo que pudesse apresentar provas, estas não seriam suficientes se os ouvintes não tivessem predisposição para crer, para ter fé. Também efetua uma analogia entre a Ressurreição e a sementeira, onde a semente morre e ressuscita como broto. Ou seja, se dirige à pagãos, falando da ressurreição geral e escatológica, com uma argumentação lógica.

---

<sup>76</sup> Atenágoras. Da Ressurreição c.25.

<sup>77</sup> Teófilo de Antioquia (séc.II d.C.), bispo de Antioquia, é um apologista de estilo semelhante ao de Atenágoras, possuindo uma firme doutrina de deus como Criador. Sua obra principal é *À Autólico*, por volta de 180 d.C., nela tenta converter um magistrado pagão através de argumentos racionais da fé cristã. (Cf. Wright, op.cit. p.700).

<sup>78</sup> Teófilo. Carta à Autólico cc.8 e 13.

Por último, **Taciano (séc.II d.C.)**<sup>79</sup> ao escrever à respeito da ressurreição também se dedica ao aspecto geral e escatológico. Sua obra principal é denominada *Discurso aos Helenos*, onde defende o cristianismo e confronta a superioridade intelectual grega, pois segundo alega, toda filosofia e religião helenística havia sido tomada dos povos “bárbaros”<sup>80</sup>. Seu público são os pagãos, dialogando com a filosofia e mitologia grega em toda sua Apologia:

*Por isso, também cremos que acontecerá a ressurreição dos corpos depois da consumação do universo, não como dogmatizam os estoicos, segundo os quais as mesmas coisas nascem e perecem depois de determinados períodos cíclicos, sem utilidade nenhuma, mas de uma só vez. Totalmente acabados os tempos que vivemos, dar-se-á a reintegração de todos os homens por razão do julgamento. Então seremos julgados não por Minos ou Radamante, antes de cuja morte, como dizem os mitos, nenhuma alma era julgada, mas o juiz é o próprio Deus que nos criou.*<sup>81</sup>

*Gregos, a nossa alma não é imortal por si mesma, mas mortal; ela, porém, é também capaz de não morrer. Com efeito, ela morre e se dissolve com o corpo se não conhece a verdade; ressuscita, porém, novamente com o corpo na consumação do tempo, para receber, como castigo, a morte na imortalidade.*

*Com efeito, nem a alma poderia por si mesma jamais se manifestar sem o corpo, e nem a carne ressuscita sem a alma. O homem não é, como dogmatizam os que têm voz de galhas, animal racional, capaz de inteligência e ciência, pois, segundo eles, pode-se demonstrar que também os irracionais são capazes de inteligência e ciência. Contudo, só o homem é imagem e semelhança de Deus, e chamo homem não ao que realiza ações semelhantes aos animais, mas àquele que, indo além da humanidade, chega até o próprio Deus.*<sup>82</sup>

Assim, em Taciano temos o diálogo mais expressivo com os pagãos. Seu argumento principal, portanto, é a lógica, onde ressalta a superioridade da fé cristã diante da mitologia e filosofia.

Nos autores que se dedicam propriamente à Ressurreição de Cristo encontramos aqueles que se direcionam aos cristãos, e aqueles que se direcionam aos pagãos. Nesse primeiro grupo à exceção de Irineu, Inácio e Policarpo baseiam seus argumentos somente na Bíblia Hebraica e Novo Testamento. A finalidade de tratar dessa temática é inspirada pela

---

<sup>79</sup> Taciano (séc.II d.C.), foi um escritor siríaco, apologista e discípulo de Justino Mártir, é conhecido por ter sido o primeiro a compilar uma harmonia dos Evangelhos, o *Diatessaron*, nessa obra busca harmonizar os quatro evangelhos canônicos, em um texto narrativo apenas (Cf. Wright, op. cit. p.729).

<sup>80</sup> Taciano. *Discurso aos Helenos* c.1.

<sup>81</sup> *Idem*, c.6.

<sup>82</sup> *Idem*, c.13.

morte e Ressurreição de Cristo, ter uma esperança futura, principalmente porque os dois autores encontram-se num contexto de perseguição, onde o martírio era valorizado<sup>83</sup>.

**Policarpo (70-155 d.C.)**, padre apostólico, bispo de Esmirna, conhecido por seu martírio dramático, tem como obra principal sua Epístola aos Filipenses. Nesta carta encoraja os cristãos às boas obras e se necessário ao martírio, tendo em vista a esperança em Cristo. No capítulo 9, faz referência à morte e Ressurreição de Cristo como sendo o motivo do serviço, sofrimento e morte de todos os servos de Cristo, dos quais cita o nome de alguns<sup>84</sup>.

Enquanto **Inácio de Antioquia (37-110 d.C.)**, padre apostólico oriental, conhecido por suas cartas às sete igrejas, escreve contra o gnosticismo e docetismo, prezando pela unidade do corpo cristão.<sup>85</sup> Das sete cartas, Inácio faz menção à Ressurreição na maioria de suas epístolas, a saber, aos filadelfos, aos magnésios, aos esmirnenses e aos tralianos.

*Aos filadelfos. É que ouvi alguns dizerem: 'Se não o encontro nos documentos antigos, não dou fé ao Evangelho'. Dizendo eu a eles 'Está escrito', responderam-me: 'É o que se deve provar!' Para mim, documentos antigos são Jesus Cristo; para mim documentos invioláveis constituem a Sua Cruz, Sua Morte, Sua Ressurreição, como também a Fé que nos vem d'Ele! Nisso é que desejo, por vossa oração, ser justificado.*<sup>86</sup>

Nesse trecho da epístola aos filadelfos, nota-se a legitimação das palavras e obras de Cristo apenas pelo que ele é, ou seja, o fato de ser divino já o valida em tudo que fez, falou e prometeu, e isso teria maior valor e legitimidade do que documentações. Também demonstra a força da fé dos seguidores de Jesus, que está mais uma vez acompanhada da crença na Ressurreição.

*Aos tralianos. Mantende-vos surdos na hora em que alguém vos falar de outra coisa que de Jesus, da descendência de Davi filho de Maria, o qual nasceu de fato, comeu e bebeu, foi de fato perseguido sob Pôncio Pilatos, de fato foi crucificado e morreu à vista dos que estão nos céus, na terra e debaixo da terra. <sup>2</sup>O qual de fato também ressurgiu dos mortos, ressuscitando-O o próprio Pai. É o mesmo Pai d'Ele que, à Sua semelhança, ressuscitará em Cristo Jesus aos que cremos n'Ele; fora d'ele, não temos vida verdadeira. Se, porém, como afirmam alguns que são ateus, isto é, sem fé, Ele só tivesse sofrido aparentemente - eles é que só existem aparentemente - eu porque estou preso, por que peço para combater com as feras? Morro, pois em vão. Estaria então a mentir contra o Senhor.*<sup>87</sup>

---

<sup>83</sup> Eusébio de Cesaréia. op. cit.

<sup>84</sup> Policarpo. Epístola aos Filipenses c.9.

<sup>85</sup> Wright, op. cit. p.671.

<sup>86</sup> Inácio. Epístola aos Filadélfos 5.8.

<sup>87</sup> Inácio. Epístola aos Tralianos 9.2 e 10.1.

Aos fiéis da igreja de Tralles seu depoimento a respeito da Ressurreição não está longe da normalidade das demais cartas. O interessante é notar mais uma vez a força dessa fé, quando ele afirma estar preso e pedindo para “combater as feras”, tamanha a convicção na esperança da Ressurreição e de toda obra de Cristo. E principalmente cabe destacar os destinatários desta epístola, que são os tralianos, cidade natal de Phlegon. Não é possível dizer se, no caso de Phlegon ter realmente tido contato com o cristianismo, como Orígenes e Filopão afirmam<sup>88</sup>, esse conhecimento teria vindo através da igreja de Tralles, ou se no Império Romano, mas essa possibilidade estaria em consonância com a data da carta, e assim da existência da igreja à época de Phlegon.

*Aos esmirnenses. Tudo isso padeceu por nossa causa, para obtermos salvação. Padeceu de fato, como também de fato ressuscitou a Si próprio, não padecendo só aparentemente, como afirmam alguns infiéis. Eles é que só vivem aparentemente e, conforme pensam, também lhes sucederá: não terão corpo e se assemelharão aos demônios.*

*Eu, porém, sei e dou fé que Ele, mesmo depois da ressurreição, permanece em Sua carne. Quando se apresentou também aos companheiros de Pedro, disse-lhes: Tocai em mim, apalpai-me e vede que não sou espírito sem corpo. De pronto n'Ele tocaram e creram, entrando em contato com Seu Corpo e com Seu espírito. Por isso, desprezaram também a morte e a ela se sobrepuseram. Após a ressurreição, comeu e bebeu com eles, como alguém que tem corpo, ainda que estivesse unido espiritualmente ao Pai.<sup>89</sup>*

Aqui, Inácio continua refutando os docéticos, que ensinavam que Cristo havia morrido apenas aparentemente (e não fisicamente). Logo, Jesus teria não só morrido na carne, como ressuscitado na carne, realizando obras de pessoas vivas, como comer, beber, ter aparência comum e ser tocado<sup>90</sup>.

**Irineu de Lião (130-200 d.C.)<sup>91</sup>** também se direciona aos cristãos e se utiliza do Novo Testamento ao tratar da Ressurreição, mas diferencia-se, já que por sua proximidade ao

---

<sup>88</sup> Cf. Orígenes de Alexandria. op cit. Livro II cc.14; 33 e 59, e João Filopão. op cit. Livro II c. 21.

<sup>89</sup> Inácio. Epístola aos Esmirnenses 2.1 e 3.1-3.

<sup>90</sup> Wright, op. cit. p.671.

<sup>91</sup> Irineu de Lião foi um personagem muito reputado para o cristianismo por seu contato desde muito novo com a escola de Esmirna, do bispo Policarpo, discípulo direto de São João, segundo uma tradição antiga. Tendo sido um apologista do segundo século, num período em que o cristianismo já havia se difundido bastante no Império Romano. Nesse momento, portanto, a preocupação não era tanto catequética, mas sim de defender a fé ante heresias e hostilidades sociais. Irineu foi bispo de Lião, em substituição de Potino, que fora martirizado na perseguição desencadeada por Marco Aurélio. Graças à São Jerônimo (347-419 d.C.) podemos supor que sua morte ocorreu entre os anos 202 e 203 d.C., no tempo da perseguição de Septímio Severo. Os escritos de Irineu que se conservaram até os dias de hoje foram duas obras completas, *Contra as Heresias* e *Demonstração da pregação apostólica*, e alguns fragmentos em Eusébio de Cesaréia. *Contra as Heresias* é sua maior obra, e nela encontrei o maior texto dedicado exclusivamente a questão da Ressurreição na quinta parte do escrito, denominada *Origens da Ressurreição*. Em *Demonstração*, tratado apologista de Irineu, e num fragmento de carta também temos referências à Ressurreição. (Cf. José J. Fortes. “Credibilidade do Cristianismo no Adversus

período apostólico, traz relatos novos que corroboram com seus argumentos. Em sua obra *Contra as Heresias*, seus argumentos estão embasados nas escrituras e tradição apostólica, sobretudo Paulo. Este, ao tratar da Ressurreição, cita com frequência textos paulinos, e normalmente, com propósitos escatológicos, isto é, a Ressurreição como esperança para os cristãos no dia do Juízo Final. Outro argumento muito comum, não só à Irineu, mas a quase todos os escritores dos primeiros séculos, é o apelo aos atributos divinos, uma vez que partem do pressuposto de que Jesus era Deus. Destarte, ao se referir à Ressurreição, Irineu cita, por exemplo, o versículo da Primeira Epístola Joanina “Não vos escrevi porque não saibais a verdade; antes, porque a sabeis, e porque mentira alguma jamais procede da verdade.” (1 João 2:21), argumentando que, se Deus não pode mentir, nem tão pouco Jesus poderia mentir, ou mesmo seus apóstolos.<sup>92</sup>

Não há como separar a Ressurreição de Cristo da esperança de ressurreição dos próprios cristãos no “último dia”<sup>93</sup>. Tal esperança ecoa, segundo a interpretação cristã das Escrituras, desde as profecias dos antigos profetas bíblicos. Tendo Cristo inaugurado a “Plenitude dos Tempos” (Gl 4:4-5) Jesus é o primogênito dos mortos (Cl 1:18), de forma que, do mesmo modo como ele foi o primeiro a ressuscitar para a vida eterna, da mesma forma também ressuscitariam os cristãos.<sup>94</sup> Assim sendo, ao citar o texto Joanino “Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá” (Jo 11:25), propõe que esta esperança é certa, tanto pela Ressurreição de Cristo, quanto pela própria pessoa de Cristo.<sup>95</sup>

A quinta parte de *Contra as Heresias*, é dedicada exclusivamente à Ressurreição, denominada *Origens da Ressurreição*. Nessa, é clara a preocupação de Irineu em combater as doutrinas heréticas dos Valentinianos, os quais negavam que Cristo tivesse morrido na carne, e dos Ebionitas, que negavam a encarnação divina de Cristo. Contra estes, Irineu defende tanto que Jesus veio e morreu de fato na carne, como que Cristo era ao mesmo tempo humano e divino<sup>96</sup>:

*Da mesma forma, portanto, como Cristo fez aumento no substância de carne, e indicou a Seus discípulos a marca dos pregos e da abertura no seu lado*

---

haereses de Irineu de Lião” in: Faculdade de Teologia. Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 2014. Pp.10-27).

<sup>92</sup> Irineu. *Contra as Heresias*. Livro III, 5.1.

<sup>93</sup> Idem, Livro II, 28.2-3.

<sup>94</sup> Idem, Livro III, 16.2-3.

<sup>95</sup> Idem, Livro IV, 5.2-4.

<sup>96</sup> Irineu. Livro V: *Origens da Ressurreição* 2.1-2.

*(Agora estes são os sinais de que a carne que ressuscitou dos mortos), assim será também, diz-se, nos ressuscitará a nós pelo Seu próprio poder.<sup>97</sup>*

Também se utiliza dos exemplos das ressurreições que Jesus efetuou em seu ministério, a filha do sumo sacerdote (Mc 5:22), o filho da viúva (Lc 7:12) e Lázaro (Jo 11:39), para embasar sua defesa de que a Ressurreição se deu, e sendo assim, se dará, na carne, e, nos mesmos corpos anteriores a morte, os quais serão vivificados, conforme nestes mesmos casos. Se Jesus pôde ressuscitá-los, também poderá ressuscitar a todos os cristãos (1Co 15:32)<sup>98</sup>. Porém, diferentemente desses casos, no Retorno de Cristo, os corpos ressuscitados serão revestidos da incorruptibilidade, não voltando a morrer, por obra da Trindade<sup>99</sup>.

No geral, o livro trata de questões teológicas sobre como se dará a ressurreição da carne. O foco está na ressurreição como esperança dos últimos tempos<sup>100</sup>, e não tanto na Ressurreição de Cristo, embora aquela não se sustente sem esta. A garantia da ressurreição dos cristãos, como afirma Irineu, está em que Jesus tenha ressuscitado antes. Deste modo, Irineu aprofunda mais os aspectos de corpo e alma, a vida intermediária entre a morte e a ressurreição para vida eterna e como o Espírito Santo operará em nós tal feito. Seus argumentos giram em torno principalmente da Bíblia Hebraica, Evangelhos e teologia paulina.

Outra obra que merece destaque é *Demonstração*, na qual há um exercício para articular a paixão e ressurreição às profecias de Davi nos Salmos e em Isaías. Tais argumentos são mais uma vez baseados nas escrituras, que legitimam não só a Ressurreição, mas a própria divindade de Jesus. Também dedica-se a defesa da imortalidade após a Ressurreição tendo como base o Salmo 21:5<sup>101</sup>.

*Os discípulos e testemunhas [testificam] de todas as suas boas obras, de seu ensino, de sua Paixão, de sua morte, de sua ressurreição, de sua ascensão ao céu após a ressurreição corporal, isto é, os apóstolos, com o poder do Espírito Santo, foram enviados por Ele para toda terra.<sup>102</sup>*

---

<sup>97</sup> Idem, 7.1.

<sup>98</sup> Idem, 13.1.

<sup>99</sup> Idem, 15.1-2.

<sup>100</sup> Esta quinta parte da obra de Irineu mais se aproxima do primeiro grupo aqui trabalhado, os quais se dedicam à Ressurreição Escatológica, todavia, como Irineu também se dedica à Ressurreição de Cristo, o enquadrei nesta ordem, mas de fato este autor está nos dois grupos.

<sup>101</sup> Irineu. *Demonstração* c.72.

<sup>102</sup> Idem, c.41.

Neste trecho Irineu afirma haver mais testemunhas, para além dos apóstolos, da Ressurreição. Além disso, coloca a Ressurreição, de Cristo e a futura, como um dos pilares da pregação dos Evangelistas. Por fim, faz uma detalhada descrição da ascensão de Cristo, com informações geográficas que não estão nos Evangelhos:

*Deu a conhecer o lugar a partir de onde ascenderia, da terra para o céu, isto é, o Senhor, em Sião, ascendeu ao alto (Sl 67:18). Com efeito, no monte das Oliveiras, em frente a Jerusalém, após ter ressuscitado dos mortos, reuniu seus discípulos e, recordando-lhes sobre o reino dos céus, foi elevado ante seus olhos e viram como O acolhiam, abertos, os céus.*<sup>103</sup>

O último documento que importa citar sobre Irineu é um fragmento de sua carta ao presbítero romano Florino, que se encontra na obra *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesaréia (265-339 d.C.):

*Eu conheci-te quando era ainda rapaz, na Ásia inferior, em casa de Policarpo. Tu eras na altura uma pessoa de grande categoria na corte imperial e procuravas ter uma boa relação com ele. As coisas de então, recordo-as melhor do que as recentes, pois aquilo que se aprende na infância forma um todo na nossa vida e desenvolve-se e cresce com ela. Eu poder-te-ia dizer ainda o lugar onde o bem-aventurado Policarpo costumava sentar-se para nos falar, e como introduzia os temas; como falava das íntimas relações mantidas com João e os outros que tinham visto o Senhor; ele recordava-nos as palavras e factos por eles presenciados, relativos ao Senhor, à sua doutrina e milagres. Tudo isto Policarpo tinha recebido precisamente dos testemunhos oculares da vida do Verbo. E anunciava-o em total harmonia com as Escrituras.*<sup>104</sup>

A riqueza da trecho está nas afirmações de que Policarpo teria conhecido e ouvido diversas testemunhas oculares da vida de Jesus, que está em total harmonia com as Escrituras, isto é, com as profecias messiânicas da Bíblia Hebraica. É interessante notar a preocupação em demonstrar a busca pela veracidade em seus relatos, ao se referir a testemunhas oculares, e ligações com pessoas que viram e ouviram diretamente do Cristo.

**Tertuliano de Cartago (160-230 d.C.)**<sup>105</sup> faz referência à Ressurreição de Cristo em sua mais ilustre obra *Apologia I*, remetendo-se aos pagãos, para tanto, sua argumentação aponta provas em relatos históricos. Esta obra teria sido endereçada ao governador romano do norte da África, em defesa da fé cristã contra as acusações que lhe eram atribuídas.

---

<sup>103</sup> Idem, c.83.

<sup>104</sup> Eusébio de Cesaréia. op. cit. pp.325-326.

<sup>105</sup> Tertuliano de Cartago (160-230 d.C.), apologista e polemista cristão, considerado o pai da Teologia Latina. Embora tenha se convertido a seita montanista por volta do ano 207 d.C., Tertuliano ainda é considerado um dos mais eminentes defensores das doutrinas básicas da fé cristã. (Cf. Wright, op.cit. p.705).

Em *Apologia I*, no capítulo 21, ao defender a natureza divina de Jesus, Tertuliano expõe a tradição dos Evangelhos sobre a morte e Ressurreição, acrescentando algumas informações, e enfatizando como a morte e Ressurreição de Cristo se diferencia de qualquer outro evento na História: “E, no entanto, pregado na cruz, Cristo manifestou muitas maravilhas admiráveis pelas quais Sua morte foi diferente de todas as outras”<sup>106</sup>. Esta diferença está em que, primeiramente, o próprio Jesus havia predito tais eventos, e não somente ele, mas também os profetas antigos. Além disso, afirma que por sua própria vontade Jesus entregou seu espírito, e:

*Na mesma hora, também, a luz do dia feneceu, enquanto o sol naquele momento, exatamente, estava fulgurando no seu meridiano. Aqueles que não estavam cientes de que isso tinha sido predito sobre Cristo, pensaram, sem dúvidas, que era um eclipse. Vós mesmos tendes ainda registro em vossos arquivos desse fenômeno da natureza.*<sup>107</sup>

Nesse trecho temos uma informação muito relevante, na qual Tertuliano afirma que existem registros do eclipse que teria acontecido no momento da morte de Jesus, e do qual também os Evangelhos dão testemunho. Sobre esse eclipse, alguns autores antigos atribuem à Phlegon o registro do fenômeno. O historiador cristão Júlio Africanos (160 – c. 240), no terceiro livro de sua *Cronografia* afirma:

*Phlegon registra que, na época de Tibério César, na lua cheia, havia um eclipse total do sol desde a hora sexta até a nona - manifestamente aquela de que falamos. Mas o que tem um eclipse em comum com um terremoto, as rochas dilacerantes e a ressurreição dos mortos, e tão grande perturbação em todo o universo? Certamente nenhum evento como este é registrado por um longo período. Mas foi uma escuridão induzida por Deus, porque o Senhor passou a sofrer. E o cálculo faz com que o período de 70 semanas, como observado em Daniel, seja concluído neste momento.*<sup>108</sup>

Orígenes de Alexandria (185-254 d. C.), teólogo cristão, também escreve:

*E com respeito ao eclipse no tempo de Tibério César, em cujo reinado Jesus parece ter Crucificado, e os grandes terremotos que aconteceram, Phlegon também, penso eu, escreveu no décimo terceiro ou décimo quarto livro de suas Crônicas.*<sup>109</sup>

---

<sup>106</sup> Tertuliano. *Apologia I* c.20.

<sup>107</sup> Idem. c.21.

<sup>108</sup> Júlio Africanos. *Cronografia I*. Livro III, c.18.

<sup>109</sup> Orígenes de Alexandria. op. cit. Livro II, c.33.

Entretanto, não se pode provar que estes autores estejam se referindo a mesma fonte que Tertuliano, portanto, Tertuliano ter referido ao mesmo registro de Phlegon é apenas uma possibilidade.

Outro ponto enfatizado por Tertuliano, diz respeito à guarda do corpo de Cristo. Nenhum outro homem que havia sido crucificado recebeu tamanha atenção em sua sepultura, “Quando seu corpo foi descido da cruz e colocado numa sepultura, os judeus em sua ansiosa preocupação cercaram-na com uma grande guarda militar, uma vez que Cristo havia predito Sua ressurreição da morte no terceiro dia”.<sup>110</sup> Sua narrativa segue afirmando que houve um terremoto ao terceiro dia que fez com que a pedra rolasse e que os guardas fugissem de medo. Também afirma que ante ao ocorrido “os chefes dos judeus, a quem de perto interessava espalhar uma mentira e, por suas crenças, conservar o povo sob tributos e submissão, disseram que o corpo de Cristo tinha sido roubado pelos discípulos de Cristo”<sup>111</sup>. Há uma tentativa de atribuir motivos às atitudes dos “chefes dos judeus”, posicionamento que esta de acordo com os Evangelhos.

Segundo Tertuliano, após ressurreto, Jesus não apareceu à vista do público, mas apenas para os discípulos, “para que os culpados não se livrassem de seus erros, porque a fé, também, merecedora de uma grande recompensa, se fundamenta na dificuldade”<sup>112</sup>. Nessa tentativa de justificar a postura de Cristo após ressurreto nos informa que, para o autor, Cristo não teria aparecido deliberadamente às multidões que o seguiam.

Ele confirma o período Lucano de que Cristo teria permanecido quarenta dias na Galiléia antes de sua ascensão, fazendo uma referência à Rômulo<sup>113</sup>: “Ele foi cercado por uma nuvem e subiu aos céus - um acontecimento muitíssimo mais certo do que as afirmações de vossos procônsules a respeito de Rômulo”<sup>114</sup>. Por fim, afirma que Pilatos teria escrito sobre Cristo ao Imperador Tibério, e que por pouco os imperadores não teriam se convertido ao cristianismo. Nesses dois exemplos, tanto na referência à Rômulo, quanto à Pilatos, mais uma vez a superioridade “histórica” pela busca da veracidade cristã se evidencia.

---

<sup>110</sup> Tertuliano, op. cit. c.21.

<sup>111</sup> Id. *ibid.*

<sup>112</sup> Id. *ibid.*

<sup>113</sup> Segundo a antiga lenda da origem de Roma, Rômulo teria sido seu fundador, e certo dia, quando estava passando uma revista em seu exército no Campo de Marte, uma violenta tempestade se levantou e envolveu o rei, tornando-o invisível para à Assembleia. Desde então ele não foi mais visto. Assim, acreditaram os romanos que o rei foi levado ao céu num redemoinho para a vida eterna. (Cf. Tito Lívio. História de Roma. Livro I, 1.16).

<sup>114</sup> Tertuliano, op. cit. c.21.

Orígenes (185-254 d.C.)<sup>115</sup>, autor já citado anteriormente nesse trabalho por suas referências a Phlegon, escreveu a obra denominada *Contra Celso*, nessa, responde diversas supostas perguntas que este Celso teria feito a ele, questionando alguns pontos do cristianismo. Nesse sentido, a temática da Ressurreição é longamente trabalhada. Além de referir-se ao registro de Phlegon da eclipse que teria acontecido na crucificação de Jesus<sup>116</sup>, também remete a Phlegon a seguinte afirmação:

[segundo] *o testemunho de Phlegon, que relata que esses eventos ocorreram: 'Quando Jesus viveu, não foi de nenhuma ajuda para si mesmo, mas ele se levantou após a morte, e mostrou as marcas de seu castigo, e mostrou como suas mãos tinham sido perfurados por pregos'*.<sup>117</sup>

Segundo esse trecho, Phlegon não só teria tido conhecimento de Jesus, como teria feito referência à morte e Ressurreição deste. Isso pode fortalecer a tese de que Jesus pode ter estado no catálogo de Phlegon em *Pessoas que Retornam à Vida*, tendo em vista que *O Livro das Maravilhas* não chegou a nós inteiro. A referência à Phlegon também demonstra a importância e peso do nome deste escritor à época.

No geral, este livro trata da Ressurreição de Cristo, num esforço em se mostrar provas de que esta teria acontecido, do meio para o fim, o autor também trata da perspectiva escatológica e geral da ressurreição, citando a Bíblia Hebraica, sobretudo o livro de Daniel, também tentando responder à problemática do “estado intermediário”, isto é, o período em que os homens ficam mortos antes da ressurreição final. Remete-se, portanto, aos pagãos, e utiliza-se de argumentos principalmente de relatos históricos, como no caso de Phlegon.<sup>118</sup> Mas também se utiliza de argumentos que dialogam com a filosofia e mitologia. Um desses argumentos que julgo muito interessante está na perseverança dos cristãos:

*E, além disso, pode-se perguntar como aconteceu que os discípulos - se, como dizem os caluniadores de Jesus, Não o viram depois de Sua ressurreição dentre os mortos, e não foram persuadidos de Sua divindade - não foram Medo de suportar os mesmos sofrimentos com seu Mestre, e expor-se ao perigo, e deixar seu Nativo para ensinar, de acordo com o desejo de Jesus, a doutrina que lhes foi dada por Ele. Pois eu acho que ninguém que examina*

---

<sup>115</sup> Orígenes (185-254 d.C.), famoso teólogo do séc.II, foi um grande escritor alexandrino. Sua teologia era especulativa, e sua filosofia platônica. Graças a sua doutrina da apokatastasis, uma restauração ou retorno de todas as coisas a seu lugar de origem primeva, era tão forte que parece ter defendido que o diabo seria salvo. Por essa razão, após vários ataques feitos por Agostinho, ele foi condenado pelo Concílio de Constantinopla em 543 d.C. Ainda assim, ele entra em cena como um exegeta e teólogo espantosamente erudito e sensível, e sua obra *Contra Celso* tem muito valor para este trabalho. (Cf. Wright, op. cit. P.716).

<sup>116</sup> Orígenes de Alexandria, op.cit. Livro II, c.33.

<sup>117</sup> Idem, Livro II, c.59.

<sup>118</sup> Idem, Livro I, c.7.

*com candura os fatos diria que esses homens se dedicaram a uma vida de perigo para a da doutrina de Jesus, sem uma crença profunda que Ele tinha operado em suas mentes de sua verdade.*<sup>119</sup>

É interessante porque parte do mesmo raciocínio desse trabalho, o fato dos discípulos estarem dispostos a morrer, representava uma crença muito convicta na Ressurreição. Além disso, ao tentar explicar a questão de qual o corpo será o corpo ressuscitado, tendo em vista que muitas vezes o corpo do indivíduo que morria era totalmente destruído, explica que:

*Sobre o assunto da ressurreição não é, como Celso imagina, derivado de qualquer coisa que ouvimos no doutrina da metempsicose; Mas sabemos que a alma, que é imaterial e invisível em sua natureza, não existe em um lugar material sem ter um corpo adequado à natureza desse lugar. Consequentemente, e, ao mesmo tempo, um corpo que era necessário antes, mas que já não é adequado em seu estado alterado, será trocado por um segundo.*<sup>120</sup>

Ou seja, assim como muitos, defende que o corpo será glorificado, isto é, um novo corpo, mas ainda no estado material.

Por fim, o último autor, dedica seus escritos igualmente à Ressurreição de Cristo, e também a um remetente pagão, mas dessa vez sua argumentação se baseia mais na lógica filosófica do que em relatos/provas que complementam o Novo Testamento. Justino, o Mártir (100-165 d.C.)<sup>121</sup>, embora também tente trazer provas em relatos, argumenta principalmente baseado na lógica filosófica. Para este a ressurreição só parece algo impossível por não ser algo comum. Como exemplo de seu raciocínio, Justino reflete sobre o “milagre da vida”. Pensar que de “uma gota de sêmen é formado um corpo”<sup>122</sup> é tão extraordinário quanto a ressurreição. Mas ninguém duvida disso, porque é algo comum, que todos veem acontecer.

Justino também dialoga bastante com a mitologia grega. O autor utiliza-se de histórias semelhantes às de Cristo na mitologia para demonstrar que sua fé não seria tão absurda, e por outro lado tenta deixar clara a superioridade da Fé Cristã, por ser muito mais digna de credibilidade.

---

<sup>119</sup> Idem, Livro I, c.31.

<sup>120</sup> Idem, Livro VII, c.32.

<sup>121</sup> Justino, o Mártir (100-165 d.C.), foi o principal apologista do segundo século. Antes de se converter já havia experimentado das filosofias estoicas, peripatéticas, pitagóricas e platônicas. Sua mais notável obra foi a Apologia ao imperador Antonino Pio, também conhecida como *Apologia I*, onde defende-se de três acusações feitas aos cristãos. Tentando demonstrar que os cristãos são os melhores cidadãos, por isso mesmo, não haveria motivos para a perseguição. (Cf. Wright, op.cit. pp.691-692).

<sup>122</sup> Justino. Apologia I 19.1.

*Jesus Cristo, nosso Mestre, e que ele foi crucificado, morreu e, depois de ressuscitado, subiu ao céu, não apresentamos nada de novo se se levam em conta os que chamais de filhos de Zeus.*<sup>123</sup>

Se podiam crer em contos mitológicos, e na imortalidade de alguns imperadores, “Passo por alto também vossos imperadores mortos, aos quais tendes sempre como dignos da imortalidade e nos apresentais algum infeliz que jura ter visto César incinerado subir da pira ao céu”<sup>124</sup>, também não poderiam achar absurdo o fato de que os cristãos criam na Ressurreição de Jesus. Ou seja, da mesma forma que aproxima sua crença das demais, conforme afirma ser a mitologia fruto de invenções demoníacas, destaca sua fé como sendo superior:

*A verdade é que, como já dissemos, foram os demônios malvados que fizeram tais coisas. Quanto a alcançar a imortalidade, nos foi ensinado que só a alcançam aqueles que vivem santa e virtuosamente perto de Deus, assim como cremos que serão castigados com fogo eterno aqueles que viveram injustamente e não se converteram.*

*Se nos lançam em rosto que ele foi crucificado, também isso é comum com os antes citados filhos de Zeus, que admitis terem sofrido. Com efeito, conta-se que eles não sofreram um mesmo gênero de morte, mas diferentes, de modo que nem no fato de ter sofrido uma paixão particular fica-se atrás em relação a eles. Ao contrário, prosseguindo o discurso, demonstraremos que lhes é muito superior ou, melhor dizendo, já está demonstrado, pois aquele que é superior manifesta-se por suas obras. Nós anunciamos que ele nasceu de uma virgem, mas isso para vós pode ser semelhante a Perseu. Por fim, que ele curasse coxos, paralíticos e enfermos de nascimento e ressuscitasse dos mortos, também nisso parecerá que dizemos coisas semelhantes ao que se conta ter feito Asclépio.*<sup>125</sup>

Segundo Justino, portanto, Jesus é superior haja vista que de fato veio ao mundo em corpo, e ainda, por ter ressuscitado. Além disso, tudo que Jesus fez na terra, seu nascimento virginal, as curas que realizou, sua morte e ressurreição, tudo isto havia sido profetizado muito antes da vinda Dele à Terra:

*Que nosso Cristo curaria todas as enfermidades e ressuscitaria mortos, escutai as palavras com que isso foi profetizado. São estas: “Diante Dele, o coxo saltará como cervo e a língua dos mudos se soltará, os cegos recobrarão a vista, os leprosos ficarão limpos e os mortos ressuscitarão e começarão a andar”. Que tudo isso foi feito por Cristo, vós o podeis comprovar pelas Atas redigidas no tempo de Pôncio Pilatos.*

---

<sup>123</sup> Idem, 21.1.

<sup>124</sup> Idem, 21.3.

<sup>125</sup> Idem, 21.6 e 22.3-6.

*Com efeito, do mesmo modo que o acontecido, antecipadamente anunciado, por mais que não tivesse sido compreendido, aconteceu; assim também o que ainda falta para ser cumprido, acontecerá, por mais que não se compreenda nem se creia. Assim é que os profetas anunciaram duas vindas de Cristo: uma, já cumprida, como homem desonrado e passível; a segunda, quando virá dos céus acompanhado de seu exército de anjos, quando ressuscitará também os corpos de todos os homens que existiram; revestirá de incorruptibilidade os que forem dignos, e enviará os iníquos, com percepção eterna, ao fogo eterno, junto com os perversos demônios.<sup>126</sup>*

No trecho “Que tudo isso foi feito por Cristo, vós o podeis comprovar pelas Atas redigidas no tempo de Pôncio Pilatos”, mais uma vez, se nota a ênfase em dados que legitimam o discurso, como provas de veracidade.

### **Relação de Escritores**

Diante disso, conclui-se que esses autores viam a temática da ressurreição como ponto importantíssimo da fé, onde alguns se dedicaram mais a explorar a ressurreição de forma geral, como esperança escatológica, enquanto outros de fato se remeteram à Ressurreição de Cristo. Além disso, esses autores se remetem tanto ao público cristão, onde o Novo Testamento e Tradição Apostólica são as provas ou pressupostos decisivos, como ao público pagão, onde a argumentação é melhor elaborada, baseando-se, ou nas provas em relatos, ou em raciocínios lógicos. Todos defendem a ressurreição (de Cristo e a geral) como sendo corpórea. E, com a exceção de Tertuliano<sup>127</sup>, todos os autores veem na ressurreição uma esperança escatológica.

---

<sup>126</sup> Idem, 48.1-3 e 52.2-4.

<sup>127</sup> O objetivo do autor ao retratar a Ressurreição de Cristo parece mais persuasivo, onde tenta mostrar provas de sua realidade, não deixando clara a perspectiva da Esperança.

<b>Escritor</b>	<b>Ressurreição</b>	<b>Destinatário</b>	<b>Argumento</b>	<b>Finalidade</b>
<b>Clemente</b>	Geral - corpórea	Fiéis	Lógica, analogias	Esperança escatológica
<b>Atenágoras</b>	Geral - corpórea	Pagãos	Lógica filosófica	Esperança escatológica
<b>Teófilo</b>	Geral - corpórea	Pagãos	Lógica filosófica	Esperança escatológica
<b>Taciano</b>	Geral - corpórea	Pagãos	Lógica filosófica	Esperança escatológica
<b>Policarpo</b>	Cristo - corpórea	Fiéis	Novo Testamento	Esperança escatológica
<b>Inácio</b>	Cristo - corpórea	Fiéis	Novo Testamento	Esperança escatológica
<b>Irineu</b>	Cristo / Geral - corpórea	Fiéis	Novo Testamento, Relatos	Esperança escatológica
<b>Tertuliano</b>	Cristo - corpórea	Pagãos	Relatos	Persuasão
<b>Orígenes</b>	Cristo - corpórea	Pagãos	Relatos	Esperança escatológica
<b>Justino</b>	Cristo - corpórea	Pagãos	Lógica filosófica	Esperança escatológica

Tabela 3

Diante desses resultados, duas constantes merecem atenção. Primeiramente, esses escritores mantêm a tradição judaica, ou melhor, farisaica, à respeito da vida depois da morte<sup>128</sup>. Mesmo num contexto helenizado, onde a ideia escatológica de ressurreição corpórea

<sup>128</sup> Segundo Wright, no paganismo desse período a ressurreição corpórea como esperança depois da morte não era uma crença popular, por mais que tenhamos visto em Ginzburg e Phlegon, no primeiro capítulo, que acreditavam nessa possibilidade, não se tratava de uma esperança para toda a humanidade. Assim, o que era mais comumente aceito para todos os homens era que após a morte o indivíduo se tornava uma sombra do que era, um espírito, ou simplesmente deixava de existir (Cf. Wright, op. cit. pp.71-142). Assim, o único povo, segundo o autor, que realmente cria na ressurreição corpórea para o fim dos tempos de toda a humanidade (ainda que em sua versão mais antiga, essa crença se limitava à ressurreição apenas do justos/judeus), eram os judeus, sobretudo após o livro de Daniel (Cf. Wright, op. cit. pp.143-305). Cabe destacar que, no que diz respeito aos judeus serem o único povo a crer na esperança da Ressurreição Final, Wright se equivoca nessa afirmação, pois no Zoroastrismo, antiga religião da Síria, também se cria na Ressurreição Final e corpórea para a humanidade (Zand-e wohuman yasn c.9.20-24), ainda assim, pode-se afirmar que essa crença não era popular no paganismo no contexto dos evangelhos.

não era tão popular como a platônica, esses escritores são enfáticos na declaração de que tanto a Ressurreição de Cristo como a escatológica são no corpo físico<sup>129</sup>. A conservação dessa tradição revela algo muito interessante, que se relaciona com a segunda constante dos resultados que é a finalidade da representação da ressurreição para os cristãos, a saber, a esperança escatológica. Essas duas coisas se relacionam por estarem inseridas na tradição judaica da esperança messiânica.

Segundo Schürer, o messianismo se popularizou graças às ideias acerca da relação de Deus com a Nação de Israel. Os judeus acreditavam que Deus os havia elegido para ser seu povo, e conforme a obediência à Lei, desfrutariam de recompensas e benefícios<sup>130</sup>. Conforme vivenciaram a experiência exílica, a recompensa e restauração da Nação foi sendo projetada para o futuro:

*Foi, no entanto, claro que, na realidade, não receberam o prêmio na proporção esperada, nem a nação nem o indivíduo. Consequentemente, mais profundamente se penetrou a consciência no espírito da nação e indivíduos, e mais foram forçados a voltar seus olhos para o futuro; quanto pior era o estado presente, mais viva a esperança se tornava. Pode-se dizer, portanto, que nos últimos tempos, a consciência religiosa focou-se na esperança para o futuro. Todas as idéias religiosas foram teologicamente referidas a uma era perfeita que viria. Todo o comportamento dos israelitas tornou-se essencialmente uma observância da Torá e toda a sua fé focada na espera para o reino de Deus. Em torno destes dois pólos, [...], se transformou a vida religiosa dos judeus neste momento. Eles mostraram judeus zelosos da Torá nos seus dias para obter sua parte no 'mundo futuro'.*<sup>131</sup>

Essa esperança num futuro melhor foi muito trabalhada pelos profetas da Bíblia Hebraica. Assim, a antiga esperança messiânica, onde o Ungido libertaria o povo judeu, estabelecendo um reinado glorioso, estava orientada para um futuro melhor à Nação, primeiramente, e, posteriormente, conforme a esperança futura foi se individualizando, esse futuro glorioso passou a abarcar o mundo inteiro<sup>132</sup>. “Todos eles vieram a saber que o seu destino individual estava nas mãos de Deus e tinham certeza de que Deus não iria esquecê-los”<sup>133</sup>. Todos aqueles que mereciam viveriam esses dias gloriosos:

*A maneira através da qual foi expressa pela primeira vez foi a crença na ressurreição. O israelita justo tinha certeza de sua salvação pessoal, que também seria permanente, eterna, pois era amado por Deus e, portanto,*

---

<sup>129</sup> Wright, op. cit. pp.665-762.

<sup>130</sup> Schürer, op. cit. p.635.

<sup>131</sup> Idem, p.636.

<sup>132</sup> Idem, p.637.

<sup>133</sup> Idem, p.638.

*esperados para participar, juntamente com todos os outros justo no futuro glória da nação. Consequentemente, todos os que foram alcançados pela morte antes que veio a ser verdade, especialmente os mártires, poderiam esperar que Deus subiria novamente e tomaria seu glorioso reino, em um determinado momento. O fim da ressurreição era a participação no futuro glorioso da nação, enquanto a base da fé na ressurreição era um crescente interesse na salvação pessoal. Pensava-se que Deus no céu, tem em conta o trabalho de cada homem, cada israelita, pelo menos. Com base nestes registros celestes a sentença será pronunciada; recompensa e punição seria medida exatamente de acordo com os méritos de cada um. Por isso, chegou a pensar que a ressurreição seria diferente no caso de todos os homens; ressuscitar todos, não apenas os justos, mas os ímpios para a condenação. Mas essa idéia nunca foi amplamente aceita; muitos continuaram a acreditar que somente os justos seriam ressuscitados.*<sup>134</sup>

Conforme o mesmo autor, na época de Jesus o Messianismo estava muito bem estabelecido:

*Em geral, a crença na ressurreição ou reanimação dos mortos, formulada pela primeira vez de forma clara e precisa, depois de inúmeras declarações anteriores, em Daniel (12:2), já estava firmemente estabelecida nos tempos de Jesus [...] Esta observação é válida de qualquer maneira em relação às áreas dominadas pelo farisaísmo, que constituíam, de longe, a maioria. Apenas os saduceus negavam a ressurreição, enquanto que o judaísmo helenístico a substituía pela imortalidade da alma.*<sup>135</sup>

Dessa forma, entendemos o porquê da ênfase na Ressurreição Escatológica, já que esta, desde antes da vinda de Cristo, já possuía uma representatividade fundamental no judaísmo, sendo reproduzida no cristianismo. Todavia, não se pode menosprezar a importância da Ressurreição de Cristo. A Ressurreição de Cristo na verdade é fundamental no desencadeamento dos demais eventos, sendo a prova, para os escritores cristãos trabalhados nessa capítulo, de que um dia todos irão também ressuscitar.

Assim, a grande novidade do messianismo cristão, em relação ao messianismo judaico, está na vinculação da morte e Ressurreição de Jesus com a ressurreição escatológica. Segundo Schürer, por mais que os cristãos tenham interpretado passagens da Bíblia Hebraica como fazendo referência ao sofrimento e morte do Messias, até o primeiro século, essa crença não teve repercussão no judaísmo<sup>136</sup>: “No entanto, mesmo [diante de] pressupostos consistentes com a ideia de um Messias sofredor dentro do judaísmo, o fato é que isso não se

---

<sup>134</sup> Idem, p.639.

<sup>135</sup> Idem, p.694.

<sup>136</sup> Idem, pp.705-707.

tornou um tema dominante”<sup>137</sup>. Isso se acorda com a reação dos discípulos à morte de Cristo, sobretudo na dificuldade de compreender as predições de Jesus a respeito de sua própria morte e ressurreição. Ou seja, para o cristianismo e sua concepção messiânica, a Ressurreição de Cristo de fato tem um papel fundamental, e é a maior fonte de inspiração na caminhada cristã.

### **Conclusão**

Assim, a ressurreição continuou sendo um tema muito recorrente e importante para a fé dos primeiros cristãos. Não apenas a Ressurreição de Cristo em si, como também, e, vinculada a esta, a ressurreição final de toda a humanidade. Por isso mesmo, por vezes, a preocupação era mais teológica e escatológica do que em comprovar que Cristo de fato havia ressuscitado.

Outro ponto importante é, mesmo que a Ressurreição de Cristo não representasse uma crença nova, muito fora do comum, é uma constante a postura em todos os escritores da valorização da veracidade e historicidade e lógica dos relatos cristãos, e de sua fé, sendo por isso mesmo vista como uma religião superior às demais por seus fiéis.

---

<sup>137</sup> Idem, p.707

## CONCLUSÃO

Ao final desta pesquisa, pude constatar que a ressurreição corpórea não foi uma crença inventada pelo cristianismo, na verdade, para o contexto sociocultural do primeiro século, ressurreições eram possíveis e desejadas, mesmo que não esperada como um fim para todos os humanos (à exceção dos judeus). Outro ponto significativo foi perceber que a ressurreição normamente aparece vinculada a profecias. Isso significa que não era um evento comum, mas antes um evento extraordinário e com propósitos sobrenaturais.

Esse aspecto profético é visto claramente no cristianismo. Como vimos, a Ressurreição de Jesus sofreu uma fusão com a esperança messiânica judaica, Cristo representou o primogênito entre os ressuscitados para vida eterna. Assim, a ressurreição de Cristo se diferencia das demais trabalhadas pelo fato de Cristo não ter voltado à morrer, segundo a crença, permanecendo vivo eternamente, enquanto que nos outros casos, os indivíduos viviam por um tempo e retornavam ao mundo dos mortos. Além disso, notamos que no cristianismo primitivo, o aspecto profético da Ressurreição de Cristo não se realizou apenas depois de sua morte e ressurreição, mas também anteriormente, tendo em vista os cristãos criam que Jesus havia predito sua morte e ressurreição, e ainda que havia interpretado da Bíblia Hebraica como que fizessem referência a esse propósito.

Dessa forma, a Ressurreição de Cristo se estabeleceu como uma das bases da fé cristã, principalmente no que se refere à esperança na vida eterna e no Juízo Final, onde todas as injustiças do mundo serão julgadas, ou seja, a crença da Ressurreição motiva a caminhada cristã de obediência e fidelidade, pois no futuro, sua devoção será recompensada, e a justiça será feita. Então, segundo o exemplo de Cristo, os cristãos poderiam ir até à morte por sua fé, pois como seu Mestre, também ressuscitariam.

Por último, em relação à obra de Geza Vermes, *Ressurreição História e Mito*, embora admita que segundo sua pesquisa, é inquestionável que as ideias de ressurreição e de imortalidade incorpórea não eram desconhecidas para os judeus palestinos e da Diáspora ao longo dos séculos finais do Segundo Templo<sup>138</sup>, o autor discorda que a Ressurreição constitua o centro focal da cristologia, sendo responsável apenas por formar “a etapa inicial da crença em sua exaltação”<sup>139</sup> (p.161).

---

<sup>138</sup> Geza Vermes, op. cit. p.57.

<sup>139</sup> Idem, p.161.

Seus argumentos estão na defesa de que os Fariseus não eram tão influentes: “Na verdade, a tese de um impacto fariseu difundido sobre toda a população judaica não se apoia em fatos comprovados”<sup>140</sup>, concluindo que “a noção de ressurreição corpórea propagada pelos fariseus era estranha aos judeus helenísticos do séc.I, e era totalmente desconhecida na maior parte das camadas dos judeus palestinos”<sup>141</sup>. Todavia, neste trabalho optei por concordar com Schürer, Treballe Barrera e Wright, os quais defendem a forte influência farisaica e ânsia messiânica dos judeus neste período.

Além disso, o argumento de Vermes, onde diz que tanto os discípulos quanto Cristo não teria dado tanta importância assim à questão da Ressurreição nos evangelhos, não me parece suficiente para justificar sua tese de que a Ressurreição não constituía o centro focal da cristologia. Pois, mesmo que esta ideia não se faça clara nos evangelhos (para o autor), foi dessa forma que os cristãos a interpretaram, ou seja, a igreja primitiva interpretou os evangelhos como se a Ressurreição fosse uma temática central de sua fé, fato que se mostra evidente nos escritos teológicos que foram analisados nesse trabalho.

Por fim, discordo de Vermes no que se refere à insuficiência das fontes, pois, para o período estudado, a quantidade de material que possuímos é incomparavelmente maior se comparado às fontes de outros objetos da História Antiga, como vimos no capítulo 2<sup>142</sup>, dessa forma, se fossemos exigir como historiadores informações nas fontes suficientes para que se esgotem as dúvidas e possibilidades, não poderíamos afirmar nada na história.

---

<sup>140</sup> Idem, p.70.

<sup>141</sup> Idem, p.75.

<sup>142</sup> Ver nota 63.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### ❖ Fontes

- Bíblia Sagrada<sup>143</sup>.
- Aristides, Apologia I.
- Atenágoras, Apelo em favor dos cristãos.
- Atenágoras, Da Ressurreição.
- Clemente, Primeira Carta aos Coríntios.
- Inácio, Epístola aos Esmirnenses.
- Inácio, Epístola aos Filadelfos.
- Inácio, Epístola aos Tralianos.
- Irineu, Contra as Heresias.
- Irineu, Demonstração da pregação apostólica.
- Irineu, Origens da Ressurreição.
- João Filopão, Do trabalho do Mundo. Livro II, c. 21.
- Júlio Africanos. Cronografia I. Livro III, c.18.
- Justino, Apologia I.
- Orígenes de Alexandria. Contra Celso.
- Phlegon de Tralles - On Marvels.
- Policarpo, Epístola aos Filipenses.
- Taciano, Discurso aos Helenos.
- Teófilo, À Autólico.
- Tertuliano, Apologia I.
- Tito Lívio. História de Roma. Livro I, 1.16.

---

<sup>143</sup> Todas as referências bíblicas foram retiradas da Bíblia João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada em língua portuguesa. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

## ❖ Bibliografia Secundária

- BARBOZA, Airton W. V. **O Mito e a História na Criação**. 1ª Edição. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.
- BROWN, Raymond E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- Enciclopédia Britânica. Vol. 24. University of Cambridge, 1911.
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História Eclesiástica**. Tradução de Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002. Livros II-IX.
- EVANS, Craig A. **O Jesus Fabricado**. 1ª Edição. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- FORTES, José J. **Tese de Mestrado: Credibilidade do Cristianismo no Adversus haereses de Ireneu de Lião**. Faculdade de Teologia. Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 2014. Pp.10-27.
- GINZBURG, Carlo. *Capítulo 2: Ossos e peles*. In: **História Noturna: Decifrando o Sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GONZALEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo: A Era Dos Mártires**. Vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- HANSEN, William. **Phlegon of Tralles' Book of Marvels**. Exeter: University of Exeter Press, 1996.
- HURTADO, Larry W. *Introduction, e chapter 1: The Religious Environment*, in: **At the Origins of Christian Worship**. 1ª Ed. Carlisle / Cumbria: Paternoster Press, 1999.
- LIMA FILHO, Henrique E. **Microstoria: escalas, indícios e singularidades**. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: [s.n], 1999. Pp. 275-371.
- McDOWELL, Josh. *Capítulo 5: Jesus – um homem na história e Capítulo 10: A Ressurreição – fraude ou história?* In: **Evidência Que Exige um Veredito**. 2ª Edição. São Paulo: Candeia, 1996.
- MEIER, John. **Um judeu marginal**. Vol.1. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Imago, 1942.
- MELO, José J. P. **São Clemente Romano e sua Carta aos Coríntios: Aspectos da Educação Cristã**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano V, n. 13, Maio 2012.
- O'REILLY, Augustine J. **Os Mártires do Coliseu: O Sofrimento dos Cristãos no Grande Anfiteatro Romano**. 3ªed. Trad de: M. D. Andrade, Rio de Janeiro: CPAD, 2005.
- PAJÓN LEYRA, Irene. **Tese Doctoral: Paradoxografía Griega: Estudio de un Género Literario**. Dpt. de Filología Griega y Linguística Indoeuropea. Facultad de Filología. Universidad Complutense de Madrid, 2008.

- TREBOLLE BARRERA, Júlio. **La Biblia judia y la Biblia cristiana: Introducción a la historia de la biblia**. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
- VERMES, Geza. **A Religião de Jesus, o judeu**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A Ressurreição: História e Mito**. 1ª Edição. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2013.
- SCHAFF, Philip. **Ante-Nicene Fathers 1: The Apostolic Fathers with Justin Martyr and Irenaeus**. Christian Classics Ethereal Library, 1885.
- \_\_\_\_\_. **Ante-Nicene Fathers 2: Fathers of the Second Century: Hermas, Tatian, Athenagoras, Theophilus, and Clement of Alexandria**. Christian Classics Ethereal Library, 1885.
- SCHÜRER, Emil. *Desde La toma de Jerusalem por pompeyo hasta La guerra de Adriano*. In: **Historia Del Pueblo Judio En Tiempos De Jesús - 175 a.C. - 135 d.C.: Fuentes y Marco Histórico**. Vol.1. Madrid: Ediciones Cristiandad, S. L., 1985.
- \_\_\_\_\_. *El panorama cultural e Mesianismo*. **Historia Del Pueblo Judio En Tiempos De Jesús - 175 a.C. - 135 d.C.: Instituciones Políticas y Religiosa**. Vol.2. Madrid: Ediciones Cristiandad, S. L., 1985.
- WRIGHT, Nicholas T. **A Ressurreição do Filho de Deus**. São Paulo: Academia cristã / Paulus, 2013.
- ZANIN, Caio. **O Guardiã da História: a noção de prova na historiografia de Carlo Ginzburg de 1991 a 2006**. UFRGS, Departamento de História - IFCH. Porto Alegre - RS, 2009.

## **Declaração de autenticidade**

Eu, Isabela Almeida Araújo de Sousa, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “O Jesus póstumo: uma perspectiva comparativa da Ressurreição” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 16 de Dezembro de 2016.

---

Isabela Almeida Araújo de Sousa